

BREVE CURSO DE FILATELIA



Carlos Jorge Ivo da Silva
2007

BREVE CURSO DE FILATELIA

Este pequeno **Curso / Informação** é uma introdução ao fascinante mundo dos Selos, à sua terminologia e características mais destacadas e à sua história, para que sirva de orientação a todas aquelas pessoas, que como eu, querem conhecê-los melhor e eventualmente começar a colecioná-los .

(Nota muito importante : Este curso foi baseado num trabalho inteiramente dedicado à filatelia Espanhola, cujo autor infelizmente se desconhece, pelo que nos é impossível fazer realçar a sua autoria e o nosso grande apreço pelo seu excelente trabalho de divulgação filatélica.

E, por valer a pena dado o seu conteúdo e delineamento estrutural, foi por nós traduzido para Português em Abril / Maio de 2007 e aumentado com referências esporádicas à Filatelia Portuguesa, Inglesa, Alemã, Suíça (com introdução de alguns dados da página oficial dos Correios Suíços) e EUA, além de notas esparsas de Filatelia global, que julgamos ter notório interesse para todos os colecionadores de selos.)

Carlos J. Ivo da Silva
civo@clix.pt
14 de Maio de 2007



Índice Temático :

I. A PREFILATELIA

1. MARCAS PREFILATÉLICAS

II. O SELO

2. BREVE HISTÓRIA DO SELO

3. PRIMEIROS SELOS

4. CARACTERÍSTICAS DO SELO

- 3.1 Nacionalidade
- 3.2 Denteado
- 3.3 Centragem e margens
- 3.4 Pé de imprensa
- 3.5 Legenda alusiva
- 3.6 Valor facial
- 3.7 Desenho
- 3.8 Cor
- 3.9 Verso do selo
- 3.10 Papeis e Filigranas
- 3.11 Formatos e Dimensões
- 3.12 Modalidades de impressão
- 3.13 Sobreimpressão ou
Sobrecargas
- 3.14 Sobretaxas
- 3.15 Perfurações (Obliterações)
Oficiais

5. ERROS E VARIEDADES

III. TIPOS DE EMISSÕES

6. ORDINARIAS
7. COMEMORATIVAS
8. ESPECÍFICAS

IV. A FILATELIA

V. O COLECCIONISMO FILATÉLICO

9. PELO TIPO DE SELO
10. PELA ÉPOCA DE EMISSÃO
11. PELA MATERIA ESPECÍFICA DA COLECCÃO
12. PELA QUANTIDADE

VI. O MUNDO DA FILATELIA

13. COMERCIANTES
14. AGENCIAS COLABORADORAS
15. SOCIEDADES FILATÉLICAS
16. TABACALERA, S.A.
17. FÁBRICA NACIONAL DE MOEDA E TIMBRE
18. IMPrensa ESPECIALIZADA
19. ORGANISMOS INTERNACIONAIS

VII. EXPOSIÇÕES FILATÉLICAS

20. PELAS SUAS CARACTERÍSTICAS
21. PELO ÂMBITO DA SUA CELEBRACÃO

VIII. SERVICO FILATÉLICO

22. SELOS
23. MINIFOLHAS E BLOCOS
24. BILHETES-POSTAIS
25. AEROGRAMAS
26. ENVELOPES DO PRIMEIRO DÍA DE CIRCULAÇÃO
27. CARNETS
28. PROVAS FILATÉLICAS

IX. PRODUCTOS FILATÉLICOS

29. CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS
30. CLASSES DE PRODUTOS

X. CARIMBOS

31. CLASSES
32. ESTAFETAS TEMPORAIS
33. CARIMBADOS FILATÉLICOS
34. CORTE DOS SELOS
35. ÚTILIDADES DE AUXILIO AO COLECCIONADOR
36. SISTEMAS DE FRANQUEIO

I. A PREFILATELIA



Dá-se o nome de " **PREFILATELIA** " às marcas postais estampadas de todo o género, que foram utilizadas para o serviço e transporte de Correio até ao aparecimento do **primeiro selo**.

Antes de existir o " **SELO DE CORREIO** ", as cartas circulavam com umas " **marcas** " ou carimbos, que eram empregues pelos serviços de Correios.

Nasce, assim, a **PREFILATELIA**.

A *carta prefilatélica* era um papel dobrado, que se fechava por meio de um papel engomado e era sobre ele que se marcava em seco o " **selo** " ou " **marca** " do lugar de origem (remetente) para garantir o segredo ou inviolabilidade da mensagem.

Frequentemente, inseriam manualmente o preço do " **porteio** " ou dinheiro que se devia pagar. Os mais ricos e poderosos utilizavam para fechar as suas cartas o lacre (vermelho ou verde) sobre o qual imprimiam por meio de um " **sinete** " a sua marca ou iniciais.



Com este sistema o serviço corria a cargo de particulares ou entidades, que foram previamente sujeitas a concurso para esse fim e com os quais os Correios faziam contratos periódicos de distribuição.

Estas empresas punham a sua marca ou cunho para assinalar a origem da correspondência, que devia circular de um sítio para outro, por meio das " Postas " ou diligências, mais tarde designadas " **Ambulâncias postais** ". Os condutores destas usavam " **cornetas** " para avisar da sua presença os habitantes do lugar, que conheciam perfeitamente este sinal, sobre a chegada do correio. Actualmente, esta corneta passou a ser o símbolo do serviço postal em muitos países.

Alguns exemplos:



CORREO
GRAL DE
MADRID



1. MARCAS PREFILATÉLICAS

São as utilizadas pelo Correio antes do aparecimento em Espanha do primeiro selo em 1850. Em Portugal o primeiro selo apareceu em 1853 (D. Maria II) . Considera-se como começo das primeiras marcas postais o período localizado entre os anos 1717 / 1720 e classificam-se :

1.1 ORIGEM OU PARTIDA

As carimbadas no lugar onde se deposita a carta, para assinalar a sua precedência



1842 - 52

1.2 TRÂNSITO

As que são carimbadas em povoações intermédias por razões de Serviço.



1.3 DESTINO

As carimbadas no departamento de chegada antes de serem entregues aos destinatários.

1.4 PORTEADO

Representam, segundo a distância e peso, os valores **que devem ser pagos**. O termo designado por “ **PORTEADO** “ ficou ligado em muitos países, inclusive em Portugal, à acção de **pagamento / multa** por insuficiência de valor pago na origem e que, por esse motivo, deveria ser pago no destino no momento da entrega .



1.5 DATADORES

Utilizados para indicar a data exacta de entrada ou saída da correspondência.

Os primeiros datadores foram criados em Inglaterra em 1774.

1.6 FRANQUIAS

Para distinguir a correspondência paga voluntariamente na origem.



Outras eram utilizadas por Autoridades, Senado, Congresso, etc., e indicavam a isenção do pagamento do serviço.



1.7 CERTIFICADO

Justificando a utilização do dito serviço



1.8 PORTES PAGOS

Marcadas em Espanha, as siglas P.P. indicam a época em que o pagamento seria efectuado pelo destinatário.



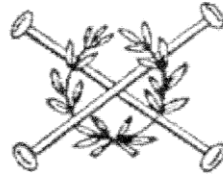
1.9 ABONO

Utilizadas nos processos judiciais, que normalmente eram indicados com a letra "A".

A

1.10 OUTRAS MARCAS

São também exemplos os correios marítimos, agentes postais, militares, mensageiros, etc.



II. O SELO



O nome é proveniente do latim *sigillum*.



Pequeno pedaço de papel, com timbre oficial de figuras ou sinais gravados, que se cola a certos documentos para lhes dar valor e eficácia.

Os selos são janelas abertas para a História, cheios de personagens interessantes e de anedotas insólitas. São verdadeiros veículos de cultura porque, apesar da sua humilde aparência, sabem oferecer àqueles que sabem

procurar incríveis crônicas e curiosidades que enriqueçam os seus conhecimentos.

A Historia Postal dá-nos a conhecer peculiaridades inéditas das rotas seguidas pela navegação marítima ou aérea, pelos comboios ou pelos meios mais inverosímeis, que tenham existido, para comunicar uns seres humanos com outros.

ELEMENTOS DE UM SELO



1. Denteado. Sucessão de perfurações semicirculares situada ao redor do selo.

2. **Margem.** Espaço em branco compreendido entre a impressão e o bordo do selo.
3. **Motivo.** Tema do selo. Varia segundo o exemplar e o valor. No selo da ilustração, aparece Carlos V, no 5º Centenário do seu nascimento.
4. **Nome dos artífices.** O nome do gravador pode figurar à direita e o do desenhador à esquerda na base da figura. Na base do selo da ilustração aparece o nome do gravador, que é a FNMT
5. **Ano de emissão.** Figura nos selos comemorativos, incluído na legenda ou num lugar secundário. Não vem em geral indicado nos selos de uso corrente.
6. **Uso.** A palavra espanhola correios ou seus equivalentes em outros idiomas { correios, em Português; postes, em Francês; postage, em Inglês, etc.) indicam que um selo está destinado a envios correntes, em oposição à expressão correio aéreo, que aparece nos selos destinados a envios por avião.
7. **Valor facial.** Preço que o usuário satisfaz para cobrir o valor do franqueio. Não se deve confundir com o valor filatélico do selo .
8. **Nome do país.** De menção obrigatória segundo a União Postal Universal.
9. **Goma.** Substância adesiva que se estende sobre o verso do selo. Alguns selos antigos não a têm.



CONSELHOS ao futuro coleccionador

Devemos tomar uma decisão sobre que tipo de selos vamos coleccionar, pois não podemos coleccionar todos os selos do mundo, dado que seria impossível. Podemos restringir a colecção dentro de alguns parâmetros :

- **Coleccionar selos novos ou usados.** Os selos novos são mais fáceis de coleccionar, já que se fizermos uma assinatura nos Correios para obtenção das novas emissões de selos teremos assegurados todos os que são emitidos. Os selos usados são mais difíceis dado termos necessidade de os procurar, ou conhecer pessoas que recebam muita correspondência todos os dias, o que nos facilitaria essa tarefa. Também podemos coleccionar os dois tipos.



- **Coleccionar selos de um país.** O mais fácil é juntar selos do nosso próprio país.



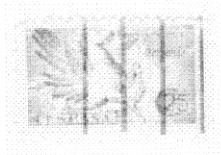
- **Coleccionar selos de um período cronológico concreto. Podemos fixar limites cronológicos no começo da coleção, e a sua datação pode-se tornar relevante. Há coleções que começam em 1975 com o reinado de Juan Carlos I.**



- **Coleccionar selos cujo motivo se refira a um tema em concreto. Podemos coleccionar selos que tenham referência a animais, lugares, pessoas, flores, borboletas ou qualquer outra imagem que seja conforme aos nossos gostos.**



- **Coleccionar selos que tenham tido usos postais específicos. Para correio aéreo, urgente, ordinário...**



- **Coleccionar selos comemorativos.** Este tipo de colecção é formado por selos que façam alusão a comemorações da celebração de um acontecimento importante.



A beleza dos selos e o interesse histórico que mostram fez com que levassem muitos curiosos a colecioná-los .



Correio submarino



Correio aéreo

Para conservar bem a nossa colecção de selos novos, devemos mantê-los num sítio seco, pois com a humidade eles podem colar-se uns aos outros e estragar-se irremediavelmente .

Guarda todos os selos que cheguem às tuas mãos, pois podem servir para trocas ou servir para começar uma colecção futura para ti ou para um amigo.

Comprova as variedades de cor, papel, perfurações... de todos os selos novos que consigas e compara-os com os que já tenhas para ver qual é o melhor.

Colecciona pelo prazer de coleccionar e não fiques obcecado pelo valor dos selos no futuro.



Entre dois exemplares de um selo iguais, não haja dúvidas em ficar com aquele que esteja em melhor estado.

Se queremos coleccionar selos usados, não se devem arrancar do envelope nem os despegar com vapor. O melhor que se pode fazer é seguir os passos que a seguir se descrevem :

- Recortar o selo do envelope, deixando uma margem larga de papel em redor do selo, mais de um centímetro.
- Meter os selos em água tépida (pode-se juntar um pouco de sal na água para preservar as cores). Há que tomar muito cuidado com os selos de cor vermelho vivo e com os envelopes de cor, pois podem facilmente deubar .
- Deixar que a goma se dissolva e o selo se desprenda sozinho do papel.
- Secar os selos e eliminar os restos de goma e papel.
- Colocar os selos a secar entre dois papéis absorventes e pôr um peso sobre eles de forma a que não fiquem enrugados (usa-se frequentemente uma lista telefónica já sem uso, colocando os selos de 50 em 50 folhas ou folhas de mata-borrão, embora hoje já seja muito difícil de se encontrar no mercado. No entanto, algumas empresas filatélicas vendem cadernos de mata-borrão para esse fim)

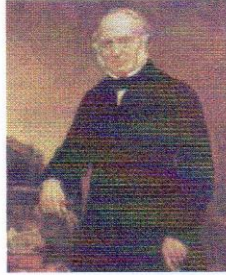
Depois de umas horas retirar cuidadosamente os selos da folha de secagem e então estarão prontos para que sejam classificados e colocados na colecção.

1. BREVE HISTÓRIA DO SELO

Ao iniciar-se o **Serviço de Correios**, este era dirigido por pessoas ou entidades privilegiadas, cujo sistema de organização em muitas ocasiões era lento e o seu uso caro. Naquele sistema inicial era o destinatário quem pagava a carta ao funcionário das “**Postas**” segundo o peso que se havia obtido na pesagem à chegada e a distância percorrida desde o local de onde a tinham enviado até ao destino. Este método dava muitos problemas dado que a maioria das vezes aquele a quem era destinada a carta não a queria receber, pois o valor a pagar era muitas vezes exorbitante .

Por outro lado, a inesgotável criatividade da época inventou um estratagemma segundo o qual, os que enviavam as cartas, escreviam uma mensagem-código nos sobrescritos e transmitiam por esse meio as notícias sem haver necessidade do destinatário abrir a carta. Assim, quando os carteiros entregavam a correspondência ao interessado, este lia a mensagem e já sabia do que tratava a carta, devolvendo-a sem pagar, muitas vezes com a conivência do próprio carteiro .

A solução para estes inconvenientes foi encontrada pelo inglês **Rowland Hill** (1795-1879). Professor Primário de profissão mas então numa situação de desemprego, Rowland Hill concebeu e propôs às autoridades Inglesas um novo funcionamento do serviço de correios, o qual foi aceite pouco depois da sua proposta ter sido apresentada, tendo sido convidado para os quadros superiores dos Correios Ingleses. Consistia este novo sistema em que o pagamento seria efectuado pela pessoa que enviava a carta e não pelo destinatário. Para tal inventou umas “**etiquetas com goma**” que se colavam aos envelopes, justificando desta maneira o pagamento do envio .



Sir Rowland Hill

Em continuidade a esta acção unificou as tarifas postais segundo o peso de cada envio estabelecendo um franqueio uniforme das cartas considerando assim um valor fixo, independentemente do destino a que estas se dirigissem

Anterior à implementação da reforma postal de Rowland Hill, houve outros dois ensaios precursores do **SELO de Correio**, que circularam postalmente: um, o chamado *sobrescrito de Sidney* (Nova Gales do Sul), em fins de 1838, e outro o famoso **SELO de Chalmers**, usado em Dundee entre Setembro e Outubro de 1839, provavelmente só como simples ensaio.

FALSIFICAÇÕES

“ ... Se fosse necessário, por falta de provas, demonstrar a importância do coleccionismo filatélico em relação ao seu valor económico, bastaria aludir às falsificações que desde muito cedo, aliás, criaram o seu próprio mercado, envolvendo coleccionadores e comerciantes numa complexa teia de cumplicidades.

É evidente que as primeiras falsificações detectadas teriam apenas um objectivo declaradamente postal. O pagamento dos portes postais por processos fraudulentos é todavia, como se sabe, contrariado pelas primeiras leis repressivas que logo foram decretadas neste domínio, incidindo no seu contexto, sobre os processos mais incipientes da falsificação, que nada têm a ver ainda com as poderosas redes que se viriam a formar logo que determinadas peças atingiram num mercado filatélico, as cotações exorbitantes a que já referimos.

A lei de 16 de Outubro de 1848, da legislação postal francesa, 10 meses após o lançamento do selo adesivo no seu território, diz que quem tiver feito uso de um selo já servido ou imitado, na franquia de uma carta, será punido com uma multa de 50 a 1.000 francos, que em caso de recidiva, será elevada ao dobro, acompanhado de prisão de 5 dias a um mês.



Como seria lógico supor, também a legislação portuguesa se refere ao uso de selos falsos, e no seu decreto regulamentar do serviço de correios de 1886, diz expressamente no seu artigo 11º que as cartas em que se acharem afixados selos naquelas condições, ou das quais tenham sido apagadas por qualquer processo as marcas de inutilização, serão remetidas à Administração onde se procederá à identificação do signatário, lavrando-se auto de notícia, após três peritos terem reconhecido a falsificação, enviando-se de seguida todo o processo para o juízo competente.

Eram portanto os tribunais que determinavam as penas a aplicar aos falsários, onde não era de excluir, além de pesadas multas, a pena de prisão.

São no fundo, leis acauteladoras do erário público, leis fiscais na sua essência, que não aludem ainda aos interesses dos colecionadores e comerciantes, onde a falsificação configura já, nitidamente, a figura de crime de falsificação. E não tardou muito que tal acontecesse; não tardou muito para que os processos por fraude se acumulassem nos tribunais; não tardou muito que o mercado de selos se tornasse numa perigosa via cheia de armadilhas e surpresas. Não deixa de ser sintomático o facto da primeira obra de carácter nitidamente filatélico tenha versado precisamente este momentoso problema. Trata-se do opúsculo Falsifica-

ção dos selos postais do filatelista Moens, que foi dado à estampa em Bruxelas em Dezembro de 1862.

Por essa altura, quase podemos afirmar que não existia nenhuma peça de algum valor, a que não correspondesse um ou vários duplos fabricados pelas artes diabólicas dos grandes falsificadores.

Falsários, é claro que sempre os houve através do tempo e em vários sectores. Moedas, notas de banco, objectos de arte, documentos, móveis, jóias, enfim, tudo que fosse susceptível de trocas vantajosas ou justificativas de um certo investimento, mesmo implicando um certo grau de risco, foi sempre objecto de falsários ou falsificadores artistas, mais ou menos hábeis. ... "

.....

" ... Com efeito, a actividade filatélica era de tal modo posta em causa pelo número e pela qualidade dos falsos que regularmente eram injectados no comércio, que Maury comentava com alguma amargura na sua revista de Maio de 1896: O comércio dos selos é hoje um dos mais difíceis de exercer seriamente, uma vez que a autenticidade é a sua primeira condição; ora essa autenticidade não é fácil de discernir, por causa do progresso da arte dos falsários e do partido que estes tiram da fotogravura, ainda por causa da relativa impunidade que lhes é assegurada pelos tribunais fran-

ceses, conforme se verificou o ano transacto (1895), em que oito frequentadores da Bolsa dos selos, foram ilibados.

A verdade é que tais fraudes levantavam por vezes autênticos problemas de ordem jurídica com que juizes e advogados se debatiam para grande desespero dos comerciantes e dos coleccionadores ludibriados. Com efeito, em muitos tribunais, perante o argumento de que o selo é sempre um documento oficial, representando um valor do erário público, cuja contrafacção é severamente punida, alguns juizes diziam não ser isso inteiramente exacto, na medida em que tais selos se encontravam já fora de curso legal, tendo por isso, naturalmente perdido toda a sua validade.

Mais difficil se tornava ainda provar que o selo falso que fora adquirido, era exactamente aquele que se exhibia na queixa, pois era sempre possível admitir-se que o mesmo poderia ser trocado no sentido de se obter uma indemnização de um suposto falsificador.

A justiça tem destas coisas bizarras, podendo parecer por vezes que a lei é mais feita para proteger os falsários que para acautelar os interesses das vítimas. Esta contradição era de tal modo estimulante para os escroques, que selos falsos a baixos preços chegavam a ser anunciados livremente, para os coleccionadores que

desejassem completar as folhas dos seus álbuns com relativa economia.

Foram os comerciantes, mercê de grandes esforços, ora fazendo valer a sua própria influência, que moralizariam o mercado dos selos, perseguindo sem tréguas os falsificadores, denunciando as suas actividades, divulgando os pormenores susceptíveis de levar à descoberta de selos falsos, para o que criaram autênticos gabinetes técnicos especializados na sua detecção.

O episódio relatado por Maury, na sua qualidade de perito consultor, é aliás deveras significativo, pois dá-nos conta do ponto até onde se chegara pelos fins do século, no que diz respeito ao problema dos falsos para colecção.

Tendo sido chamado para expertizar a colecção de um tal Barão de X. Maury acabou por afirmar que jamais tivera ocasião de ver reunidos num só conjunto, os exemplos mais notáveis de "trucagens", "montagens e reconstruções" de selos, que lhe fora dado verificar até então, indicando de seguida, de maneira sumária mas bastante sistemática, as principais manobras detectadas.

Fugimos à tentação de transcrever o texto completo de Maury, demasiado longo e demasiado técnico, mas não podemos por outro lado, deixar de aludir a cada um dos pontos nele referidos, pela sua importân-

cia, na medida em que nos põe ao corrente dos principais artificios praticados então e tal como aparecem sintetizados no célebre conjunto do ilustre Barão de X (que Maury elegantemente não refere pelo nome):

1. Selos não denteados - obtidos a partir do recorte da margem denteada em selos descentrados, bordos de folha ou remarginados posteriormente. Exemplo: Selos de Queensland, que se vendiam a 7 francos denteados e a 250 não denteados.

2. Selos falsamente denteados - a partir de provas ou ensaios com ou sem adelgaçamento do papel. Ex.: - Selos primitivos da Hungria, obtidos a partir dos envelopes, adelgaçados e denteados.

3. Ajustamentos fantasiosos. Obtenção do selo de 1 franco Império, colando a um selo 80 C carmin escuro, o cartucho inferior do selo 1 franco República, após o mesmo ter sido cortado rente à linha de enquadramento.

4. "tête-beche" - Obtidos a partir de um par ou tira, cortando pelo filete interior um deles invertendo-o e colando-o a verniz ou colódio.

5. Descolorações químicas. Ex. 10 C azul do Brasil, mudado em 10 C preto. selos da Austrália, Nova Gales, Vitória, etc.



6. *Falsas obliterações. Particularmente numerosas no Álbum em questão.*

7. *Falsas sobrecargas.*

De onde teriam vindo tais selos e em tão grande profusão ?

É a própria imprensa da época que nos elucida sobre isso.

Respigamos ao acaso de uma listagem de imprensa:

É descoberta em Marselha uma autêntica fábrica clandestina dedicada sobretudo ao fabrico de selos postais com sobrecarga das Colónias francesas. Para maior verosimilhança, são ali fabricados igualmente carimbos e obliterações, o que torna tais "falsos" altamente perigosos. (1894).

No prosseguimento de várias pesquisas para descobrir os falsários que recentemente vêm colocando nas principais cidades de Espanha, sobretudo em Sevilha, grandes quantidades de selos falsos, acaba de ser descoberta em Madrid, uma autêntica fábrica clandestina. Foi o Inspector da renda e dos tabacos, quem, guiado por um colecionador, teria descoberto em circulação, selos falsos de 15 C e de 1 peseta. Por indicações precisas, a policia, dirigiu-se para a Rua Fuencarral n.º 144,



ao domicílio de Salvador Diaz Guerra, onde foi encontrado um autêntico arsenal: clichés, pranchas, tipos, tintas, papéis, prensas, etc. etc. bem assim, grande quantidade de selos já prontos para entrar em circulação. (Imprensa espanhola, 1894).

Não podemos, obviamente alongar-nos mais. Notícias deste tipo eram de resto bem frequentes por todo o fim do século. A imprensa filatélica e não só, fazia-se eco frequentemente de casos semelhantes. Novos nomes e novos escândalos eram revelados quotidianamente. Pressões e chantagens seguiam em paralelo a todo um comércio marginal, concorrente das boas casas que honestamente desejavam prosseguir o seu comércio.

Era a época de ouro dos grandes coleccionadores milionários e a época de ouro das grandes colecções clássicas.

É-nos fácil conjecturar hoje sobre e até que ponto a incidência das falsificações levada ao extremo que se conhece terá limitado e condicionado o coleccionismo, mas não podemos deixar de o entender como tendo igualmente a sua quota-parte de participação neste processo. Não podemos deixar de mencionar aqui os nomes lendários dos falsificadores artistas, Lagrange, Speratti, Fournier, entre outros mais, cujas peças, pela sua perfeição e beleza, atingem hoje cotações bem mais

elevadas que os próprios originais. É bem difícil por vezes compreendermos o mundo em que vivemos. ... "

(Luís Eugénio Ferreira --- " Um certo olhar pela Filatelia " - Ponto 5 - in " www.filatelicamente.online.pt "

Nenhuma das actividades humanas escapa à perspicácia de alguns assim a filatelia não foge à regra , tratando algumas pessoas de imitar os selos para assim não pagar o seu valor ou então os venderem para ganhar ilicitamente um benefício. Uma das primeiras falsificações de que se tem noticia é a seguinte :

Em dois de Abril de 1850, as autoridades dos correios espanhóis descobriram em Orihuela (Alicante), várias cartas franqueadas com selos falsos. Pouco depois os culpados foram presos, o gravador Francisco Javier Martínez, aliás Ballena; um impressor Vicente Pastor e um carteiro chamado Francisco Gomís. A tramóia do Ballena denunciou-o, quando tentava mandar uma carta a Gomís, com um dos seus próprios selos falsos. As condenações impostas pelo Tribunal a Martínez e a Pastor, foram de 5 anos de prisão e ao pagamento de 500 duros de multa. Gomís conseguiu deixar a prisão tendo pago para o efeito uma fiança elevada, mas deixou de trabalhar como carteiro.

Os Correios comprovaram que não havia mais falsificações e deram ordens para que todos os selos falseados então fossem destruídos menos um de 6 quartos, que foi anexoado ao processo judicial. Com o tempo este selo converteu-se numa valiosa peça de colecção.



É bem conhecida na Filatelia Portuguesa a existência de selos falsos de autoria do famoso falsário francês Fournier

Existem dois tipos de falsificações:

- Os falsos filatélicos, que são os selos com os quais alguns tentam ludibriar. Nem sequer são cópias de originais.
- E os falsos postais ou falsos da época, que são os selos que tentam imitar selos com curso legal.

Para evitar estas situações, os Correios usam uma série de armas, que são o papel de " fio de seda " ou calcografia, que é um sistema de impressão mediante a utilização de pranchas de metal, com o qual se torna impossível a falsificação, pois nem sequer o autor da gravação seria capaz de repetir o relevo dos traços e

Os dois selos da direita são falsificações.



a gama de cores e, para além destes elementos existem outros:

- Filigrana : marca de água que se faz sobre a pasta de papel com a qual se imprimiram os selos. Existem as que são visíveis a olho nu; outras que se descobrem à transparência; algumas só podem ser visualizadas mediante aparelhos electrónicos ou químicos: os filigranoscópios ou buscafiligranas. É um método muito caro, sendo por esse motivo utilizado cada vez menos.
- Denteado de segurança : desde 1992, na fileira paralelas de dentes dos selos britânicos pratica-se, a intervalos regulares, uma perfuração ovalada de maior tamanho situada em ambos os lados a cerca de um terço da base do selo.
- Marca secreta : sinais ínfimos que se fazem na gravação ou no cliché de um selo legítimo com o fim de detectar possíveis falsificações, característica que o diferencia da "marca de autenticidade", que no tem expressamente essa finalidade. Apesar de tudo, um falsificador que realize uma boa reprodução fotográfica do selo pode encontrar essa marca.



O selo de baixo é o falso e podemos distinguir que os dois métodos de impressão são diferentes.

- **Gravação de contornos** : consiste na confecção de fundos e desenhos mediante um torno mecânico, que traz linhas entrelaçadas. Muito usado na emissão de notas de banco, também se pode aplicar sobre os bordos das folhas de selos para que, quando estes se separem, não sejam usados nas falsificações.
- **“ Scrambled indicia ”** : Trata-se de uma zona de estampação difusa, na qual o texto impresso só é visível mediante uma lente decodificadora. Usam-se em Espanha desde 1990.
- **Tinta fugitiva** : tem componentes que, quando são submetidos a lavagem ou a forte grau de humidade, fazem com que a impressão debote ou até mesmo desapareça .
- **Superlitho** : A empresa britânica House of Questa desenvolveu um sistema de litografia que permite imprimir textos de controle (como o copyright ou a data) num tipo de letra tão pequeno que os falsificadores não podem reproduzi-los.
- Em termos de filatelia Portuguesa são bem conhecidos selos falsos de todas as emissões “ Coroa ” das Colónias Portuguesas e no continente de muitos dos selos das emissões de D. Pedro V e de D. Luís I

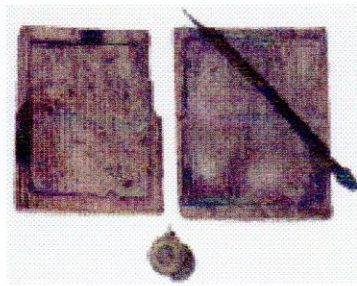
2. PRIMEIROS SELOS

Os Egípcios tinham já criado um sistema postal por volta de 2500 anos antes de Cristo com as ligações de Menphis a Cartago, até à Núbia, na Etiópia e à Ásia Menor.



No 8º. Século AC a Bíblia faz referência a mensagens de correio. No Império Romano a organização do Correio atingiu um nível superior. Bem desenvolvido durante o período do Imperador Augusto, foi chamado de «cursus publicus». Consistia em rotas bem definidas que ligavam entre elas os grandes centros do Império. Ao longo dessas rotas, as «statio posita» (estações de correio) encontravam-se instaladas a distâncias determinadas. As “ Mudas “ para troca de cavalos eram denominadas «mutationes». Com a queda do Império Romano, o «cursus publicus» caiu no esquecimento

Placa de cera romana



Mensageiros



Durante o século XIII, restabeleceu-se o «cursus publicus» principalmente para os soberanos, este com fins políticos, administrativos ou militares.

Durante o século XIII houve igualmente um grande desenvolvimento cultural no seio dos Mosteiros e das Universidades, havendo a necessidade de comunicar com os principais centros culturais europeus. Para além disso, apareceram os Mensageiros do Estado, os Mensageiros Religiosos e os Universitários. Contra um pequeno pagamento aceitavam transportar o correio de particulares.

Com o desenvolvimento do comércio, as corporações e associações de comerciantes criaram serviços regulares de Mensageiros. Os comerciantes Fugger d'Augsburg, a República de Venesa e a família Visconti de Milão organizaram serviços de correio.

Na Suíça, as corporações das cidades de Basel, Zurich, Schaffhouse, Genève e especialmente St-Gall estabeleceram estafetas regulares.

Uma importante inovação foi introduzida em 1480. As linhas postais encontravam-se irregularmente postas à dis-



posição de particulares e o sucessor de Louis XI, Charles VIII, ordenou em 1495 que o transporte de correspondência privada fizesse a partir de então parte dos deveres do Estado, o que deu como resultado um avanço fundamental para a organização do correio.

Numa situação política difícil, o Santo Império desenvolvia a mesma política embora a organização de um serviço de correio continuasse a ser fundamentalmente árduo. Embora perante a oposição de variados príncipes, mais ou menos soberanos, o Imperador Maximiliano pediu a colaboração da família Taxis, nobre família italiana, a qual já tinha participado numa medida importante, a introdução do serviço de correios da família Visconti.

Léonard de Tassis

Em 1543, Léonard de Tassis foi nomeado Inspector-geral dos Correios por Carlos V. Esta função foi conservada pelos Tassis até à queda do Império em 1806. Seguidamente eles assumiram a gestão dos correios em diversos estados alemães. (O serviço postal dirigido pelos Tassis é conhecido pelo nome de Tour et Tassis ou Thurn et Taxis).





Após ultrapassar inúmeras barreiras burocráticas, o "Black Penny", foi posto à venda na Grã-Bretanha em 1 de Maio de 1840. Impresso a preto e representa o busto de perfil da Rainha Victoria, o qual devido ao seu preço de um Penny fez com que fosse conhecido como " Black penny " (penny preto).

Neste selo não figurava o nome do país e, a partir de então, nenhum selo de Inglaterra o leva, embora seja facilmente identificável pela existência do busto da Rainha ou Rei, que sempre leva num dos cantos do selo .

Rapidamente, a inovação Britânica foi seguida pelo resto dos países, o que provocou uma verdadeira revolução nas comunicações e progresso da humanidade.

A Espanha apressou-se a adoptar a medida implementada por Rowland Hill, sendo o décimo país do mundo a implementar essa medida, e em 17 de Agosto de 1843, o Governo Provisional dirigiu uma ordem ao então Director General de Correos, Fermín Caballero, comunicando-lhe que fora proposto o meio mais adequado para estabelecer o franqueio prévio da correspondência. O emprego dos Selos de Correios em Espanha foi estabelecido por Real Decreto de 24 de



Outubro de 1849. A primeira emissão de SELOS de Correios de Espanha foi posta à venda no dia 1 de Janeiro de 1850. O primeiro selo de Espanha foi impresso a preto (existindo grande semelhança com o “ black Penny “) e reproduzia o busto da Rainha Isabel II visto de perfil. O autor foi D. Bartolomé Corominas. O seu valor facial (segundo o valor de então) era de 6 cuartos.

O segundo país do mundo a fazer uma emissão de selos, para uso no território nacional e no estrangeiro, é um país de língua portuguesa, o Brasil, em Agosto de 1843.

Na Suíça, o primeiro selo foi emitido em 1 de Março de 1843 (a famosa “ Zurich 4 “, embora só tenha sido utilizado a partir do ano seguinte) .

Em Portugal, devido à Reforma Postal de 1852, no reinado de D. Maria II, foram introduzidos os primeiros selos adesivos, os quais foram a partir de 1853 vendidos nas então 230 estações (inicialmente 219 e depois mais 11. Cada uma dessas estações tinha um número identificativo da estação, que era apostado sobre o selo --- ou selos --- na correspondência através de carimbo) criadas para o efeito e espalhadas de norte a sul, Ilhas e Colónias Portuguesas .





3. CARACTERÍSTICAS DO SELO

3.1 NACIONALIDADE

Cada selo deve levar a indicação, normalmente em letras latinas, do país emissor.



Espanha



Chipre



Portugal



Eslovénia

Existem exceções, como a Grã-Bretanha.



3.2 DENTEADO

Os **primeiros selos** não eram denteados e tinham que ser cortados das folhas com tesoura, até que em 1847 o irlandês **Henry Archer** inventou uma máquina de perfurar para facilitar a sua separação.

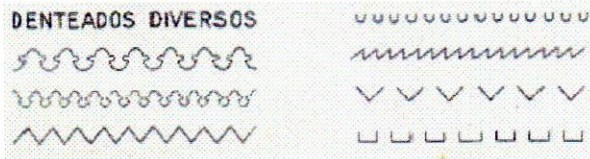


No ano de 1854 foram postos à venda em Espanha os primeiros selos perfurados (em Portugal só a partir de 1867 no reinado de D. Luís I) pelo que ao ser separado o selo da folha, este ficava com o que se denomina bordos " denteados " .

A primeira emissão denteada em Portugal é a de D. Luís I de 1867 e apresenta-se com o denteado de 12 ½.



Todavia, nem todos os denteados são iguais. Segundo o país ou emissão, o número de perfurações numa dada distância é diferente, existindo casos em que um mesmo selo tem denteados diferentes de cada lado. Daí a importância do denteado para a identificação dos selos.



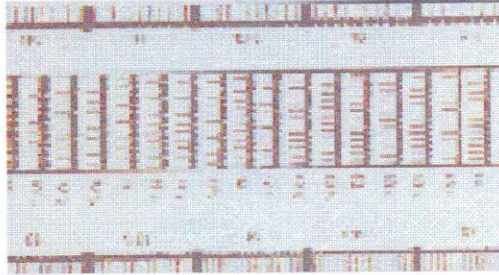
Denteado só à direita

Denteado de ambos os lados

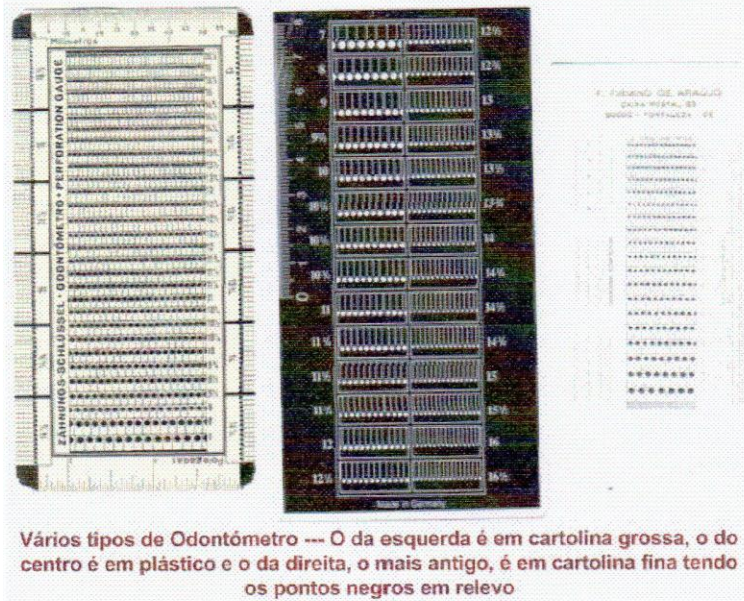
Há folhas de selos que foram denteadas por máquinas de costura, o que tornava muitíssimo irregular o denteado.

O francês **Augusto Legrand** inventou um sistema para medir as perfurações, chamado **Odontómetro**, que consistia em determinar o número de dentes que existem em dois centímetros. Nos catálogos figura o denteado de algumas emissões. Quando só se indica um número, isso significa que o denteado é igual em todos os lados. Se, por exemplo, a expressão é de 13 x 12, isso indica que em cada dois centímetros existem 13 perfurações em sentido horizontal e 12 na vertical.





Odontómetro



3.3 CENTRAGEM E MARGENS

Ao espaço que rodeia o selo, que separa o desenho do denteado ou do bordo, dá-se o nome de **margem**.

Em geral quase todos os selos são providos de uma margem de papel branco onde termina o desenho do selo e começa o denteado .

Com as modalidades de impressão empregues durante os primeiros anos muitas emissões eram deficientes, o que fazia com que muitos selos tivessem margens muito defeituosas .



Descentrado à esquerda



Descentrado à direita

Um exemplar define-se como bem centrado quando, denteado ou não, apresenta todas as margens iguais.



Selos que estão perfeitamente centrados

3.4 PÉ DE IMPRENSA

É uma indicação de quem fabrica os selos. Actualmente, em selos de muitos países inclui o ano de emissão.

Nos selos de Espanha do primeiro centenário de 1850 a 1949 algumas das suas emissões levam ao pé do desenho o nome do gravador.



F. Vaquer

Actualmente todos os selos emitidos em Espanha levam pé de imprensa, o qual nos indica quem fabrica os selos, o mesmo se aplica a Portugal.



Fábrica Nacional de Moneda y Timbre

Os selos espanhóis emitidos a partir de 1977 levam as siglas F.N.M.T (Fábrica Nacional de Moneda y Timbre) e o ano de emissão na sua parte inferior.

3.5 LEGENDA ALUSIVA

Em breves palavras, proporciona-nos uma explicação do tema principal do selo.



Legenda alusiva deste selo

3.6 VALOR FACIAL

O valor facial é o preço de aquisição do selo durante o período da sua validade postal para o franqueamento da correspondência. Segundo acordos internacionais, o valor nominal, impresso na face do selo, deverá expressar-se em números árabes.



Alguns países emitem selos sem valor facial específico, distinguindo-o por uma letra (A.B.C. ...) que identifica a tarifa e são utilizados habitualmente durante as mudanças de tarifa.



Selos portugueses - emissão de 2006

3.7 DESENHO

O Desenho ou vinheta, é a figura que se reproduz no selo e reflecte o motivo a que se dedica.

3.8 COR

O critério é livre e os Selos estampam-se em policromia, servindo as cores na série base em Espanha para distinguir o valor. Isso não sucede assim noutros países, pois como ficou dito, o critério é livre .



3.9 VERSO DO SELO

A parte posterior do papel está engomada para facilitar a sua adesão às cartas, encomendas postais ou outro tipo de envio e denomina-se “ verso do selo “, enquanto a parte estampada se denomina “ Face, Anverso ou parte anterior “. A goma é um elemento integrante do selo e cria sérios problemas ao filatelista por ser composta de substâncias químicas que num prazo relativamente breve, se não houver cuidado, podem produzir por oxidação, a deterioração e a destruição do selo.

No início da filatelia os selos não tinham goma.

Em Espanha, o verso dos selos serviu também para imprimir uma numeração ou **cifra de controle**, realizada com o fim de levar um controle da emissão. Nalgumas emissões Inglesas, apareceram 2 traços verticais paralelos impressos a negro ou estrelas a Azul com bandas fosfóricas.



Esta cifra de controle figura no verso de quase todas as minifolhas e blocos que a Espanha emitiu até 1939. A partir desse ano, a numeração figura no anverso.

Por vezes, apareceram em Portugal indicações várias inscritas no verso, tal como datas ou inscrições (por exemplo : Datas - Emissão base de Monumentos e Paisagens --- 1972-78) ou inscrições (por exemplo : Emissão do 7º. Centenário do Nascimento de Santo António --- 1895)

3.10 PAPEIS E FILIGRANAS

O papel é o suporte do selo que individualiza um exemplar de outro pela sua distinta composição ou fabrico. Na actualidade empregam-se papéis fosforescentes ou fluorescentes, que apresentam a vantagem de facilitar os serviços postais na verificação da sua validade através de máquinas complexas.

“ ... Para o fabrico de papel parte-se de fibras celulósicas naturais que são desagregadas e com elas produz-se uma massa pastosa --- a pasta de papel --- que é depois sujeita a uma operação de branqueamento e a seguir é espalhada sobre uma rede em camada fina e uniforme. Depois de submetida a várias operações --- entre elas a de secagem --- obtém-se o papel acabado, que é enrolado e cortado nas dimensões pretendidas.



Se durante o processo de fabrico forem incorporados na pasta fios de seda, estes aparecem distintamente no papel acabado.

Os tipos de papel que foram utilizados na impressão dos selos portugueses — papéis com revestimento, papéis calandrados, papéis texturados, papéis sem acabamentos especiais e papéis coloridos sem revestimento — resultaram de diferentes operações durante as várias fases do processo geral de fabrico de um papel. Vejamos as suas características essenciais :

Papéis com Revestimento. *Um forma de melhorar a qualidade de um papel consiste em revesti-lo de uma fina camada de gesso, numa das faces. Essa operação dá brilho ao papel e permite uma impressão, nessa face, com grande nitidez de pormenor. Tal papel é conhecido por **Papel Porcelana**.*

*Reconhece-se por, ao ser tocado com a ponta de um objecto de prata, ficar riscado de negro. No caso da camada de gesso aplicada ter a adição de um pigmento, este transmite a cor ao gesso e, por sua vez, ao papel, pelo que a cor de fundo destes selos não resulta da impressão — trata-se do **Papel Porcelana Colorido**.*

Papéis Calandrados. *Um outra forma de obter uma impressão mais nítida dos selos, consiste em submeter o papel a uma operação de polimento da superfície a imprimir, tornando-a mais macia e brilhante. Este acabamento mecânico*



resulta de se fazer passar o papel, a suficiente pressão, por entre os rolos de uma calandra, obtendo-se assim papéis mais ou menos calandrados, de que são exemplos o **Papel Esmalte**, o **Papel Lustrado** e o **Papel Acetinado**.

O **Papel Esmalte** é o mais facilmente confundido com o **Papel Porcelana** não só porque o brilho, a espessura e a opacidade são relativamente semelhantes, mas também porque arqueia --- embora menos acentuadamente --- tal como o **Papel Porcelana**. O **Papel Esmalte** não tem revestimento de gesso e, por isso, a tinta não adere uniformemente em toda a superfície do selo, apresentando frequentemente o aspecto de impressão sarapintada. O **Papel Esmalte** é macio e o mais brilhante de todos os papéis calandrados: o **Papel Lustrado** é macio e apresenta menor brilho que o **Papel Esmalte**, evidenciando, quando examinado contra a luz, um aspecto compacto, leitoso e sem qualquer textura e o **Papel Acetinado**, embora macio, é pouco brilhante --- o menos brilhante de todos os papéis calandrados --- podendo apresentar-se ou não uma textura formada de pequenos losangos dispostos vertical ou horizontalmente.

Ainda dentro deste tipo de papéis com acabamento mecânico temos o **Papel Costelado** que é, na prática, um papel liso que foi submetido a uma operação de compressão entre cilindros com estrias rectilíneas e paralelas que se transmitiram à sua superfície.

Não são *marcas de água*, pois estas são inculcadas na pasta de papel, como acontece no **Papel Avergado**, são *saliências resultantes da passagem do papel pelos cilindros que o comprimiram*. Apenas uma das faces do papel apresenta essas estrias, pelo que, ao imprimirem-se os selos de D. Luís I fita direita onde este papel foi utilizado, nem sempre as folhas foram metidas do mesmo lado na máquina, o que originou selos ora com o costelado na frente ora no verso.

Este papel distingue-se facilmente por observação à luz rasante ou com o auxílio de uma lupa.

Papéis Texturados. No processo do fabrico do papel, quando a pasta é vazada na rede e esta apresenta uma textura entrançada, o desenho desta é transmitido à pasta --- e ao papel uma vez acabado --- e este diz-se **Texturado**. Quando visto contra a luz, o papel mostra esses desenhos. De igual modo passam à pasta as configurações de peças que se incorporem na rede, obtendo-se o **Papel Filigranado**. Mas se a rede for uniformemente entrelaçada, não deixa marcas no papel e obtém-se então, um papel não texturado.

Nos nossos selos usaram-se dois tipos base de papel texturado. O **Papel Pontinhado em losangos** que, quando visto contra a luz, mostra linhas cruzadas formando pequenos losangos regulares com distribuição uniforme, de maior ou menor nitidez e orientação vertical ou horizontal. A designação de vertical ou horizontal tem a ver com a orientação da diagonal maior do losango, uma vez colocado o selo na



sua posição normal. Se essa diagonal estiver situada na vertical, será o **Papel pontilhado em losangos verticais** e se for na horizontal será o **Papel pontilhado em losangos horizontais**.

O outro tipo de papel texturado é o **Papel Avergado** ou **Estriado** que apresenta, quando examinado contra a luz, uma pauta de linhas paralelas.

Papéis sem acabamentos especiais. Estes papéis são obtidos quando a rede onde é depositada a pasta não deixar vestígios de marcas e quando o papel não sofrer qualquer espécie de tratamento (revestimento ou acabamento mecânico). Falamos do **Papel Liso**, o menos cuidado no seu processo de fabrico e muito comum. É um papel não texturado, compacto, de massa relativamente uniforme, sem brilho e de superfície um pouco áspera que, tal como os outros tipos de papel, pode apresentar diferentes espessuras: **Fino**, **Médio**, **Espesso** e **Cartolina**.

A tabela internacional de Vinck classifica os papéis quanto à espessura, do seguinte modo:

Papel de seda ----- até 40 microns

Papel fino ----- de 41 a 60 microns

Papel Médio ----- de 61 a 80 microns

Papel Espesso ----- de 81 a 100 microns



Papel Muito Espesso ----- de 101 a 130 microns

Papel Cartolina ----- de 131 a 180 microns

Cartão ----- mais de 180 microns

Contudo, relativamente às emissões “ Ceres “ de Portugal, a tabela de Vinck não se pode aplicar, devendo ter-se em conta o que consta do livro “ Portugal – Ceres – Variedades de cliché “ de J. Miranda da Mota e Armando Mário O. Vieira, Porto, 1992, que se indica a seguir :

Papel de Seda ----- até 40 microns

Papel Fino ----- de 41 a 65 microns

Papel Médio ----- de 66 a 85 microns

Papel Espesso ----- de 86 a 100 microns

Papel Cartolina ----- acima dos 100 microns

***Papéis Coloridos sem revestimento.** Estes papéis podem ser obtidos de duas maneiras : por coloração da pasta ou, depois de o papel estar feito, fazendo-o passar por um banho de corante, removendo o excesso do corante através de cilindros de prensagem e secando, por fim, o papel colorido.*

São conhecidas três variedades de papéis coloridos sem revestimento : **Azulado**, **Amarelo** e **Parafinado**.

O **Papel Azulado** apresenta uma cor azul ténue que se nota mais nas partes não impressas do selo. Visto contra a luz, nota-se um pontinhado horizontal irregular, de maior ou menor grau de nitidez.

O **Papel Amarelado** apresenta um tom de amarelo ele e, quando examinado contra a luz, pode apresentar-se liso ou com pontinhado vertical ou horizontal sendo, neste caso, a sua distribuição menos irregular e mais nítida do que o azulado.

O **Papel Parafinado** é um papel acastanhado, de aspecto oleoso e macio. ... “

(in Catálogo Especializado de Selos Postais e Marcas Pré-Filatélicas --- Portugal, Madeira e Açores -- - 2007, AFINSA, Portugal)

A filigrana é a marca de água que se coloca dentro da pasta de papel através de determinado método, já anteriormente descrito, a qual se realiza por solicitação, quando este se fabrica.

Chama-se também "**papel de segurança**" e garante a autenticidade do selo dificultando a sua falsificação. A



filigrana é hoje de vital importância para conhecer a série a que pertence um selo determinado.

Pode ser vista quando visualizado o selo em contraluz, embora haja outros métodos menos falíveis para a sua observação e que a seu tempo referiremos, como o da utilização da Benzina.

Não se conhecem selos Portugueses (do Continente) com marcas d'água. Todavia, o Papel com Marca d'Água --- ou Filigrana --- foi utilizado nas Colónias Portuguesas em algumas das suas emissões, que a seguir se referem :

ANGOLA -

1870-77 - Algumas folhas de papel que foram utilizadas no fabrico do selo de 200 Rs. da Emissão " Coroa " levaram em toda a extensão de cada folha a filigrana " **B. F. K. RIVES** ".

1881 - Algumas folhas de papel que foram utilizadas no fabrico do selo de 40 Rs. da Emissão " Coroa " levaram em toda a extensão de cada folha a filigrana " **C. SKF & C^a.** ".

1932 - Todos os selos de 45 C., 85 C. e 1\$40 da Emissão " CERES " levaram a **filigrana Cruz de Cristo** .



CABO VERDE -

1877 - Algumas folhas utilizadas para os selos de 300 Rs. da Emissão " Coroa " têm a filigrana " B. F. K. RIVES " em toda a extensão da folha.

1934 - Todos os selos da Emissão " Ceres " têm a filigrana Cruz de Cristo.

GUINÉ -

1933 - Todos os selos da Emissão " Ceres " têm a filigrana Cruz de Cristo.

ÍNDIA PORTUGUESA -

1873 - Algumas folhas utilizadas para a fabricação dos selos da Emissão " Nativos ", tipos IA e IB, levaram a filigr. " ORIGINAL TURKEY MILL KENT " .

1875 - Algumas folhas utilizadas para a fabricação dos selos da Emissão " Nativos ", tipos IIA, levaram a filigr. " HODGKINSON & C ^a. " em duas inscrições por folha.

1876 - Algumas folhas utilizadas para a fabricação dos selos da Emissão " Nativos ", tipos IIB, levaram a filigr. " SPICER BROTHERS " .



1877 - Algumas folhas utilizadas para a fabricação dos selos da Emissão " Nativos ", tipos III, IIIA e IIIB, levaram a filigr. " **SPICER BROTHERS** ".

1883 - Algumas folhas utilizadas para a fabricação dos selos da Emissão " Nativos ", tipos IIIC, levaram a filigr. " **SPICER BROTHERS** ".

Algumas folhas utilizadas para a fabricação dos selos da Emissão " Nativos ", valor em moeda local, levaram a filigr. " **SPICER BROTHERS** ", à exceção das folhas utilizadas para os selos de 6 R. que levaram a filigrana " **W. KING** ".

1933 - Todos os selos da Emissão " Padrões " têm a filigrana **Cruz de Cristo**.

MACAU -

1934 - Todos os selos da Emissão " Padrões " têm a filigrana **Cruz de Cristo**.

Em 1942 vários valores foram impressos sobre papel liso fino sem filigrana e em 1945 os selos de 10 a. e 20 a. surgiram sobre papel liso médio também sem filigrana. Estes dois valores diferem dos mesmos de 1942 por terem o papel mais espesso e o denteado ser muito irregular (nos de 1945).



MOÇAMBIQUE -

1933 - Todos os selos da Emissão " Lusíadas " têm a **filigrana Cruz de Cristo**.

1938 - Selo do mesmo tipo de 45 C. sobretaxado com 40 C. apresenta a mesma **filigrana Cruz de Cristo**.

S. TOMÉ E PRÍNCIPE -

1931 - Todos os selos da Emissão " Ceres " têm a **filigrana Cruz de Cristo**.

TIMOR -

1934 - Todos os selos da Emissão " Padrões " têm a **filigrana Cruz de Cristo**.

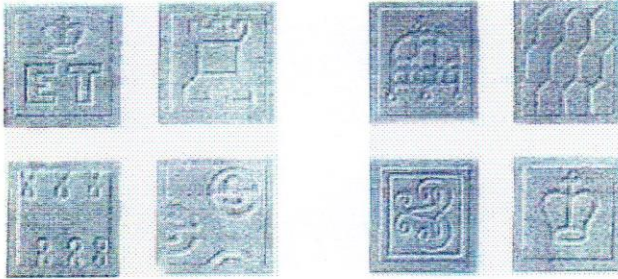
Muitos outros países utilizaram filigranas nos papeis que usavam para imprimir os seus selos, especialmente os países da América do Sul, em que são emensas as variedades de filigranas que apresentam.

Na Europa, ainda hoje alguns países apresentam filigranas nas suas emissões de Selos Correntes, tal o caso da Itália, por exemplo. Outros países enveredaram pela
























utilização de papéis fosfóricos ou fluorescentes em substituição das marcas d'água.

Muitos dos selos espanhóis do 1º. Centenário apresentam também filigranas, algumas das quais, a seguir, se ilustram :



Filigranas diferentes que podem ser encontradas nos selos espanhóis.

FILIGRANAS DOS SELOS DO REINO UNIDO

1 PEQUENA CORÇA	2 GRANDE CORÇA - 1	3 FILIGRANAS JARRETEIRA E FLORES				
		 A	 B			
4 ROSA	5 CRUZ DE MALTA	 C	 D			
6 ANCORA - 1	7 ANCORA - 2	8 GLOBO	9 GRANDE CORÇA - 2			
						
10 FILIGRANAS G V R , E2R e COROAS						
E 	F 	G 	H 	I 	J 	K 
L 	M 		N 		O 	

3.11 FORMATOS E DIMENSÕES

A dimensão dos selos é sempre indicada em milímetros. A primeira indicação refere-se sempre à dimensão horizontal. Os formatos mais conhecidos são: quadrados e rectangulares, horizontais ou verticais. Dentro destas variedades fabricou-se dentro de uma escala tão ampla e extensa de tamanhos, que resultaria quase impossível dar em detalhe a medida de todos eles. Sobre este particular, nenhum Governo estabeleceu uma regra fixa e cada um adopta umas dimensões de acordo com o uso ou aplicações que utilizarão para os sistemas próprios dos seus franqueios, e o mais corrente para um melhor serviço do Correio postal. À parte estes formatos, e que poderíamos qualificar como normais, existe uma infinidade de selos cujas formas são obra de uma imaginação muito peculiar. Trata-se de selos rombóides, hexagonais, redondos, triangulares e inclusive de forma irregular.



Horizontal



Vertical



Triangular





Octogonal



Rombóide



Selo moeda redondo

3.12 MODALIDADES DE IMPRESSÃO

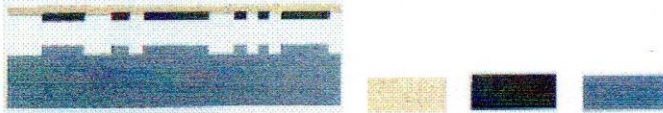
Todos os sistemas de produção gráfica foram utilizados até agora para realização de selos.

Os meios mais frequentes de impressão são :

- Tipográfica
- Calcográfica
- Litográfica
- Heliogravura
- Talhe-doce

Tipografia - Arte de compor e imprimir com tipos. Tem a sua origem na xilografia, a qual apareceu durante o Renascimento. Quando se industrializou a imprensa alterou-se o material sobre o qual se trabalhava, passando-se da madeira ao metal, tal como é o caso do bronze ao aço. Na actualidade trabalha-se sobre o linóleo e material plástico.

Os selos impressos por tipografia caracterizam-se por apresentar no verso uma boça em forma de ligeiríssimo relevo devido à pressão exercida pela máquina impressora, efeito conhecido por “pisada”. O desenho é formado por traços e pontos com os fundos de cor planos, sem quaisquer traços ou marcas.



TIPOGRAFIA

Papel Tinta Cliché

FOURNIER, Pierre Simon (1712-1768) - Tipógrafo e gravador francês, criou em 1737, o ponto e escala tipográfica (dividiu este tipo em 12 pontos = Cicero; micrometricamente media 0,34875 mm), depois alterada em 1775 por Didot. Em 1742 inventou o tipómetro. Foi também gravador e fundidor de letras.

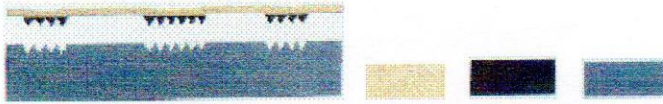
Offset - Processo de impressão derivado da litografia, em que os elementos a imprimir e a não imprimir estão no mesmo plano, só que as zonas a imprimir possuem tinta e as outras apenas humidade.

Calcografia - Este tipo de gravação só pode realizar-se em metal. É o melhor método para a impressão do selo por ser através dele que se consegue a maior gama de tons de cores, assim como pelo relevo dos seus traços. Estas características tornam quase impossível a sua falsificação, já que ao mesmo autor da gravação lhe é impossível fazer outro exactamente igual.



O processo para este tipo de gravação é exactamente o inverso do que se utiliza para o tipográfico. Isto significa que a parte de material que se tira da prancha com o buril se enche de tinta cobrindo o papel.

A gravação Calcográfica faz-se com zinco, cobre ou aço.



CALCOGRAFIA

Papel Tinta Cliché

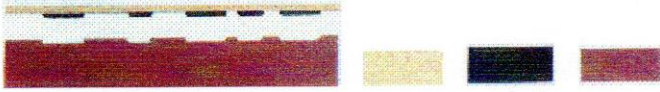
Litografia - [1] Processo de impressão com matriz plana, baseado no fenómeno de repulsão entre as tintas e a água e utilizando como suporte a pedra calcária.

[2] Oficina na qual se executam trabalhos litográficos.

O primeiro selo que se imprimiu em Espanha foi feito mediante este tipo de gravação. É o tipo de impressão mais susceptível ao aparecimento de diferentes quantidades de variedades devido a uma maior intervenção manual e a uma menor mecanização .

O artista desenha sobre a pedra ou sobre o zinco, que já lhe dão preparado para o efeito, o mesmo que faria sobre o papel. O nome deste tipo de gravação, composto pelas palavras *lithos*, pedra, e *graphos*, desenhar, explica o seu desenvolvimento. As tintas que se utili-

zam no processo litográfico são opacas e as cores conseguidas têm características iguais.



LITOGRAFIA

Papel Tinta Pedra

Impressão em “ Talhe-Doce “ - O processo de impressão em Talhe-Doce (intaglio), confere uma certa aspereza à superfície do documento impresso, facilmente detectável com a polpa dos dedos.

Gravador de talhe-doce. - É o trabalhador que grava, à mão livre, sobre aço destemperado ou cobre, imagens de sua criação ou transpostas de um desenho ou maqueta, produzindo uma matriz original, de acordo com técnicas apropriadas e segundo estilo próprio, destinadas designadamente à produção de ilustrações para documentos gráficos de valor, nomeadamente títulos, notas de banco, etc. Utiliza ferramentas e utensílios adequados, bem como auxiliares ópticos adaptados à minúcia, delicadeza e teor artístico do trabalho. Emprega, quando necessário, técnicas de gravação química (mordedura a ácido) ou de gravação mecânica (pantógrafo). Produz as gravuras de acordo com as técnicas e equipamentos existentes no sector, por forma que, depois de concluídas, possam servir, elas próprias, de matrizes para impressão de talhe-doce directa ou, mediante e de acordo com processos de reprodução adequados (transferência mecânica, galvânica ou plástica), para a produção de outras chapas destinadas à impressão de talhe-doce. Verifica e acompanha a produção de matrizes, simples e múltiplas, retocando-as e aperfeiçoando-as, quando necessário, por forma a garantir a qualidade do produto final. Execu-

ta as gravuras, sempre que os trabalhos o exijam, de acordo com técnicas de produção integradas e subordinadas às necessidades dos processos, quer de produção das chapas de impressão, quer da técnica de impressão, quer ainda da conjugação das técnicas de impressão de talhe-doce com outros tipos de impressão.

Heliogravura - Processo de gravura funda obtida por foto mecânica, valendo-se das propriedades de endurecimento da gelatina bicromada sujeita à acção da luz.

A reprodução do original (fotografia ou desenho) consegue-se por meio de processos fotoquímicos, empregando clichés engordurados. Caracteriza-se por o seu desenho não oferecer traços nítidos. Este é um dos procedimentos mais utilizados actualmente, embora não alcance o nível artístico dos sistemas baseados na gravação manual.

3.13 SOBREIMPRESSÃO OU SOBRECARGAS

Dá-se este nome aos sinais, números, inscrições e motivos reproduzidos numa segunda impressão sobre selos já estampados. O motivo mais frequente é modificar o valor de franqueio do selo ou do texto.



CIS

3.14 SOBRETAXAS

Correspondem aos selos, que para além do valor nominal correspondente, figura impresso outro valor adicional que será destinado a ser arrecadado por fundos para determinados fins. Podem ser em benefício da infância, Órfãos de guerra, obras sociais e desportivas, luta contra a tuberculose, etc.. Estes últimos costumam levar impressa em Espanha a cruz vermelha de dupla barra transversal, chamada Cruz de Lorena. Esta ideia foi proposta pelo francês **Gilbert Sersiron**, na conferência internacional celebrada em Berlim em 1902 e foi aprovada por unanimidade pelos assistentes à conferência.



Ajuda para Jogos Barcelona em 1992.



Ajuda para o Museu Nacional

Rainha Sofia



Ajuda para a Exposição Universal de Sevilha em 1992 Ajuda

aos Tuberculosos

3.15 PERFURAÇÕES OFICIAIS (ou OBLITERAÇÕES)

Quando os exemplares novos em curso são perfurados por particulares com prévia autorização do Correio.

São “ **agulheiros** ” formando letras, marcas ou legendas que as casas comerciais, instituições privadas ou Bancos realizaram para evitar apropriações ou uso indevido dos selos:

Em Espanha são muito conhecidos os selos perfurados com as letras **B.H.A.** (Banco Hispano Americano). Estes selos têm escasso valor filatélico, embora tenham em



contrapartida as perfurações aplicadas pelo próprio Correio ou Estado para lhes dar outro destino.

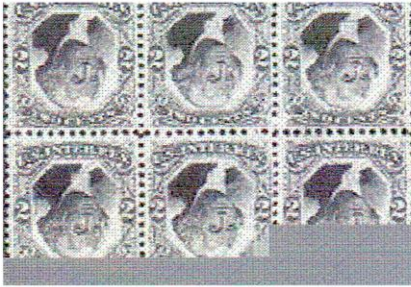


4. ERROS E VARIÉDADES

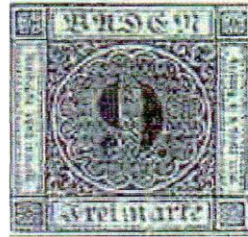
Qualquer erro, seja de motivo, de desenho ou de impressão, centragem, variantes de tinta de composição ou de colocação das pranchas e variedades consideradas menores, de espessura do papel, tipo e cor da goma, clareza do estampado e filigrana ou de perfuração, ou seja, de diferenças em relação à tiragem original, fazem com que alguns selos se tornem exemplares raros.



Desenho da avioneta ao contrário **Erro de corte** **Desenho de barco ao contrário**



Desenho do busto ao contrário



Nº. 6 ao contrário



O 1º. Selo da esquerda da 2ª. Linha está ao contrário

III. TIPOS DE EMISSÕES

Consideram-se como **EMISSÕES** um conjunto de selos, que contêm um mesmo tema, (criados pela F.N.M.T, em Espanha ou pela I.N.C.M., em Portugal, por exemplo). colocados por algum motivo ou necessidade em circulação.

Podem ser de vários tipos:

1. ORDINÁRIAS (CORRENTES ou BASE)
2. COMEMORATIVAS
3. ESPECÍFICAS

1. EMISSÕES ORDINÁRIAS

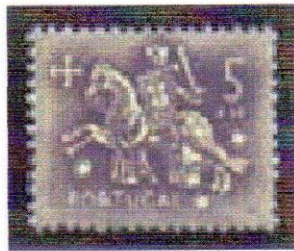
Emitidas para cobrir as necessidades de franqueio, com tiragens ilimitadas, e podem reproduzir a imagem de Reis ou Chefes de Estado ou outros temas especiais (como Monumentos, a alegoria da República, Pintores, Pinturas, etc.), e no caso específico de Espanha a cor tem correspondência com o respectivo valor

facial do selo, o que não sendo obrigatório também sucede noutros países .

Estas emissões são também conhecidas por “ *Emissões Correntes* ” ou “ *Emissões Base* ” .



Emissão Corrente de Juan Carlos, Espanha



Emissão corrente “ Cavaleiro Medieval ”, Portugal

2. EMISSÕES COMEMORATIVAS

São emitidas para comemorar uma determinada efeméride; um personagem ou um acontecimento são o seu motivo. Constituem as denominadas **Séries Comemorativas** ou **Emissões Temáticas**.

2.1 TEMÁTICAS

• Pela **imagem**, tendo só em conta o desenho, por exemplo : Escudos



• Pela **finalidade**, da emissão, por exemplo : Natal



- Pela **ideia**, desenvolvimento de uma tese (a música, pintura, etc.).



2.2 CONJUNTAS

As Emissões Conjuntas são aquelas que se fazem por acordo entre vários países, podendo levar o mesmo ou diferente desenho do mesmo motivo.



3. EMISSÕES ESPECÍFICAS

• 3.1 SELOS DE BENEFÍCIOS

São selos postos em circulação para obter fundos com destino a obras ou fundações de caridade; Podem



levar uma sobretaxa junta ao valor facial; Por vezes emitem-se em separado e na sua origem eram de uso obrigatório. Os posteriores são de colagem voluntária e então passam a designar-se “ Vinhetas filatélicas ”.



Ajuda aos Tuberculosos

Selo para ajudar os Órfãos do Corpo de

Correios

3.2 CORREIO AÉREO

Selos especiais nos quais figura expressamente a taxa pelo Serviço a prestar. Utilizavam-se para transportar as cartas aéreas por globos e dirigíveis antigamente, e actualmente por aviões.

Os primeiros selos oficiais de Correio Aéreo foram emitidos pela Itália em 22 de Maio de 1917 para o voo Milão - Turim. Em Espanha a última série de Correio aéreo foi feita em Novembro de 1981 e em Portugal em 1979 como Comemoração do 35º. Aniversário da TAP com dois valores, respectivamente de

16\$00 e 19\$00, tendo circulado entre 21 de Setembro de 1979 e 31 de Dezembro de 1983 .



Correio aéreo por Zeppelin



Selo emitido para correio
aéreo por avião

3.3 DE USO LOCAL

Selos que não têm outra área de circulação senão a circunscrita em relação à finalidade e território específico para o qual foram criados e necessitam validação no caso de serem utilizados fora desse território.



Apareceram em dois períodos da história de Espanha e configuram as chamadas Emissões locais republicanas e Emissões locais patrióticas.

Em Espanha, as primeiras emissões correspondem ao ano de 1931, quando se instaurou a República Espanhola. São selos de Emissões anteriores sobrecarregados com a palavra República e o nome da Cidade onde foram sobrecarregados: Almería, Barcelona, Madrid, Tolosa y Valencia.



As segundas vão desde 1936 a 1939, anos da Guerra Civil espanhola. Conforme as tropas nacionalistas ocupavam alguma cidade ou vila, sobrecarregavam-se nela selos anteriores com frases como " La Coruña Viva España ", " Lérida por España ", etc. Também a zona nacionalista sobrecarregou emissões republicanas com " Viva España ", " Julio 1936 ".



3.4 DE URGÊNCIA

Têm a finalidade de servir em correspondência com entrega imediata. Empregam-se sempre que o remetente de uma carta deseje que a mesma chegue rapidamente ao seu destino, sem esperar a divisão da correspondência ordinária.



3.5 SELOS DE SERVIÇO

Selos postos à disposição dos organismos oficiais do Estado para o franqueio da correspondência que geram. Posteriormente foram substituídos pelos Portes Francos. Algumas nações sobrecarregavam os selos com a palavra " Oficial ", por cujo motivo também são denominados selos de Serviço Oficial.



3.6 SELOS PRÉOBLITERADOS

Foi uma forma de adequar os selos existentes emitidos por um sistema político ao novo regime. Em geral, trata-se de sobrecargas motivadas por acontecimentos políticos esperando pela emissão de novos selos ou por rarear determinados valores para um serviço especial, como pode ser o aéreo. A França apresenta uma excelente colecção deste tipo de selos .



3.7 SELOS - MOEDAS

Por escassez da moeda circulante, foram utilizados selos como moeda fraccionária. Tratava-se de uma rodela de metal (cobre ou outro) com o selo colado sobre ela. No período dos “ Ceres “ (entre 1917 e 1920), Portugal também utilizou este sistema de moeda



3.8 SELOS CORTADOS

Selos antigos regularmente usados partidos pelo meio, em diagonal ou vertical, utilizados para completar o franqueio sobre aquela correspondência para a qual não existia, num determinado momento, os selos do valor correspondente à tarifa vigente.



Honduras



Espanha



Selos da Índia Portuguesa

3.9 SELOS NÃO EMITIDOS (NÃO CIRCULADOS)

Selos emitidos para a sua venda ao público mas que, por um motivo qualquer, não foram postos em circulação. Servem só como objecto de colecção.



Portugal - emissão da Monarquia do Norte - 1919

3.10 SELOS DE COLÓNIAS

Emitidos expressamente para a sua utilização no Correio a partir das Colónias. Em diversas ocasiões eram utilizados selos com sobrecarga da Colónia. Em Portugal foi inicialmente utilizada uma série de selos especial e igual para todas as Colónias, Só depois foram emitidos selos para cada uma das Colónias .



Colónias Portuguesas de África

Colónias Espanholas



Fernando Poo



Filipinas

3.11 CORREIO ESPANHOL EM ANDORRA

Emitidos para cobrir as necessidades de franqueio exclusivamente para o Correio Espanhol no Principado de Andorra.

O primeiro selo de Andorra foi emitido em 1928.



IV. A FILATELIA



Do grego *philos*, amigo e *atelés*, isenção de impostos.

Interesse em coleccionar e estudar Selos de Correios.



A procura de selos, sobrescritos, tarjetas, documentos de determinados países e temas, passando pela identificação e classificação de cada peça, as consultas de catálogos, o estudo dos desenhos, variedades e tantos outros aspectos, até à definitiva colocação das folhas do álbum, formam em suma um conjunto que se engloba sob o termo **Filatelia**. Este vocábulo foi proposto pelo coleccionador francês **M.G. Herpin**, na revista " Le Collectionneur de Timbres Poste " de Paris, em 15 de Novembro de 1854.

Actualmente, dada a especialização que se dá às colecções ser hoje em dia cada vez maior, e a profundidade e avanço dos estudos que hoje são levados a feito sobre as diversas emissões de selos, as mais respeitáveis autoridades na matéria não vacilam em qualificá-la como ciência.



EXPANSÃO DA FILATELIA

Vários acontecimentos contribuíram poderosamente para o desenvolvimento da FILATELIA, principalmente a constituição da União Postal Universal, em virtude da qual se implementou o franqueio uniforme com o estrangeiro, dando grande incremento à emissão de novos selos. O desenvolvimento da evolução filatelia nos seus começos foi lento mas seguro e na actualidade o coleccionismo filatélico goza de invejável saúde. A indesmentível prova disso é que a Imprensa mundial se digna periodicamente a dar noticias sobre esta actividade; As nações instalam os seus museus postais; Os Governos protegem as suas emissões e com elas a filatelia; Celebram-se Congressos e Exposições mundiais, ou criam-se novas sociedades filatélicas. A publicação de revistas especializadas e a celebração de leilões públicos consagra definitivamente o coleccionismo de selos que hoje chegou a ser, para pessoas de

todas as idades, o interesse mais apaixonante e educativo. A primeira revista filatélica veio à luz em Inglaterra em 1862. A primeira em Espanha apareceu em 1870, com o título de “ *El indicador de los Sellos* “. Acredita-se que a primeira Sociedade Filatélica surgiu em Paris, em 1864, e a primeira em Espanha, em Barcelona, em 1888. A primeira exposição Filatélica realizou-se em Viena, no ano de 1890, e a primeira que se realizou em Espanha foi em 1909, em Valencia. A primeira obra Filatélica genuinamente espanhola foi publicada em 1870 por don Mariano Pardo de Figueroa. Existem diversas datas que podem servir para marcar as fronteiras dos diferentes períodos de Espanha dentro da filatelia:

1 de Janeiro de 1850	Primeiros selos espanhóis (não denteados).
1 de Janeiro de 1865	Primeiros selos denteados.
1 de Janeiro de 1870	Governo Provisório
1 de Agosto de 1875	Primeira emissão de Alfonso XII.
1 de Outubro de 1889	Primeira emissão de Alfonso XIII.
23 de Maio de 1931	Primeira emissão da II República.
1936/1939	Período da Guerra Civil.
17 de Agosto de 1936	Primeira emissão do Estado espanhol.
1950	2º Centenário do selo espanhol.
29 de Dezembro de 1975	Primeira emissão do reinado de Juan Carlos I.

V. O COLECCIONISMO FILATÉLICO

O coleccionismo de selos de correios é um interesse extensíssimo em todos os países, sobretudo nos mais desenvolvidos e mais cultos. Esta actividade tem uma grande variedade de vertentes, cada uma das quais mais interessante e desconhecida para o profano, com que o coleccionador, com todo o seu grande trabalho de investigação e desenvolvimento do tema escolhido, estrutura a colecção de forma a torná-la compreensível para os demais.

O interesse em coleccionar selos considera-se hoje como um ramo da História



UM POUCO DE HISTÓRIA.

Iniciou-se pouco depois da invenção do selo postal (1840), sendo o primeiro coleccionador conhecido o doutor John Edward Gray, oficial do (*British Museum*), Museu Britânico, que publicou na revista "The Times" um anúncio para conseguir selos suficientes com o fim de refazer uma folha completa de 240 selos carimbados.



Considera-se o barcelonês don Santiago Ángel Saura Mascaró, catedrático que foi da Universidade de Barcelona, como o primeiro coleccionador de selos em Espanha, ano de 1850.

Apareceu o primeiro catálogo em França em 1861, editado por Potiquet, e em Espanha em 1864, com o título de *Manual del Coleccionismo de Sellos*. Em 1862, Agustín L. Lallier editou em França o primeiro album para coleccionar selos.

O primeiro catálogo de selos de Espanha foi publicado, em Zaragoza, em 1879, por don Esteban Argilés. O primeiro album impresso em Espanha foi editado em 1894 por don Hermenegildo Prats.

São múltiplas as formas de coleccionismo do selo, e pode-se dizer que cada coleccionador tem a sua própria forma. Podemos estabelecer os seguintes grupos:

1. PELO TIPO DE SELO

1.1 NOVOS

Selos sem ter sido usados, que não apresentam nenhum sinal de carimbo, em estado impecável, sem

defeito de conservação e com a sua goma original, sem haver sido lavado.



1.2 CARIMBADOS

Selos anulados por meio de uma marca postal aplicada pelos Correios para inutilizar o selo, podendo ser ordinário, comum, especial, comemorativo, primeiro dia de emissão, primeiro voo, propagandístico, etc..



2. PELA ÉPOCA DE EMISSÃO

2.1 CLÁSSICO

Em Espanha considera-se o período clássico o compreendido entre os anos 1850, emissões de Isabel II, e 1882, Alfonso XII.



Existem várias formas de colecionismo clássico:

- ❖ Colecionismo do Selo tipo (Selo Base), por ordem cronológica.
- ❖ Coleções especializadas, incluindo todas as suas variantes e erros .
- ❖ Coleções de antigas colónias e dependências ou estabelecimentos comerciais ou políticos no estrangeiro .

2.2 MODERNO

Inclui os selos aparecidos a partir de 1882. Em Espanha, todos os selos a partir do ano 1950, denominam-se selos do 2º Centenário, ou seja os da 2ª Época ou século 2º do selo.



3. PELA MATÉRIA ESPECIFICA DA COLECCÃO

3.1 TRADICIONAL

Baseada no coleccionismo de selos novos ou usados, em toda a sua amplitude .

3.2 HISTÓRIA POSTAL

Baseada no estudo do material postal transportado e relacionado com o Correio.

3.3 PREFILATELIA

Estudo das marcas e Correio anterior ao selo.

3.4 MARCOFILIA

Coleccionismo e estudo de marcas postais estampadas para indicar, franquear ou anular. Compreende: carimbos postais anteriores ao selo adesivo, chamados também precursores (Prefilatelia); Carimbos, em geral; Carimbos de primeiro dia; Carimbos especiais ou comemorativos; Bilhetes-postais ilustrados (Maximofilia); Franquígrafos ou franqueios mecânicos (Mecanotelia); Bilhetes-postais ou inteiros postais (Cartofilia).

3.5 AEROFILATELIA

Parte da filatelia que trata dos selos cuja imagem, tema ou ideia tenham relação com os meios de comunicação ou transporte através do ar.

3.6 ASTROFILATELIA

Coleccionismo e estudo de selos relacionados com a astronáutica ou cosmonáutica - arte de navegar pelos espaços interplanetários -.



3.7 INTEIROS-POSTAIS

Dá-se esse nome a toda a peça ou bilhete-postal que leve um selo impresso. A impressão ou reprodução podem ir sobre papel ou cartolina apresentando formas distintas segundo o destino ou uso postal: bilhete-postal, sobrescrito, faixa, recibo, etc. Estes selos perdem todo o valor filatélico se os cortam ou os separam: precisamente a sua denominação indica que se deve coleccionar a peça completa, íntegra, inteira.

3.8 TEMÁTICAS

Colecção de selos e elementos postais baseada na imagem, motivo ou ideia e ordenados para desenvolver um esquema científico, histórico, religioso, social, etc.

3.9 MAXIMOFILIA

Reunindo bilhetes-postais onde o selo, a ilustração do bilhete e o cancelamento levado a efeito através de carimbo apresentam uma compreensível concordância.

3.10 SELOS FISCAIS

Baseada no coleccionismo de selos emitidos (em Portugal, a partir de D. Luís I, 1862) como fonte de ren-



dimento para o tesouro público - fisco - e não destinado ao correio. Este tipo de coleccionismo é muito recente em Portugal (existe um catálogo / tradução de Paulo Rui Barata " Revenues of Portugal and Colonies " editado pela PHILATELIA ESMORIZ, de Gaia, que versa este assunto) embora já tenha vindo a ser levado a efeito desde há vários anos em Inglaterra, França, Alemanha e no Brasil, onde se encontra muito desenvolvido em termos de coleccionadores .

4. PELA QUANTIDADE

4.1 UM SÓ SELO



4.2 BLOCO DE 4 (quadra)



4.3 BLOCO DE 21



Bloco de 21 exemplares, sem serem usados, do Primeiro Selo emitido em Espanha

4.4 FOLHA

Folha com quantidade variável de selos, impressa numa pesada prancha ou em máquina impressora. Figuram na mesma, nas suas margens, inscrições (bandeleta) e números (controle). Em filatelia, por extensão e contraste, a folha não se estende nem se deve manter guardada dobrada.

A apresentação de uma FOLHA pode apresentar-se com 24, 50, 60, 80, 100 selos.

VI. O MUNDO DA FILATELIA

1. COMERCIANTES

Conjunto de pessoas ou Entidades legalmente estabelecido que se dedicam a comprar e a vender selos e toda a espécie de material filatélico. Numa Associação de comerciantes encontraremos um especialista que nos pode aconselhar e que nos responda pelo bom estado dos exemplares vendidos. A compra-venda pode realizar-se em local aberto ao público ou por correio.

Hoje em dia está muito em voga a realização de pequenas feiras filatélicas por toda a Europa.



UM POUCO DE HISTÓRIA

O primeiro comerciante estabelecido em Espanha não está muito claro de quem se tratava. Uns afirmam que foi don José Monge Fuentefría, no ano 1879, em Barcelona, mas a versão que colhe maior número de partidários é a deveria ter sido don José María de Vergés de Cardona, no ano de 1854, também de Barcelona.



O primeiro comerciante de que se tem noticia foi J. B. Möens, de Bruxelas, estabelecido em 1848. Geralmente estão enquadrados numa mesma Associação ou Grémio.

☛ ANFIL (Asociación Nacional de Empresarios de Filatelia y Numismática de España).



Logótipo da Asociación Nacional de Empresarios de Filatelia y Numismática de España

☛ A.P.F. (Asociación Española de Profesionales de Filatelia)

2. AGÊNCIAS COLABORADORAS

Habitualmente os países, para a promoção e venda dos seus selos no estrangeiro, estabelecem contratos com empresas filatélicas.

3. SOCIEDADES FILATELICAS

❶ FESOFI (Federación Española de Sociedades Filatélicas)

Agrupamento de Sociedades Filatélicas dedicadas ao coleccionismo ou estudo de selos. Para dar uma ideia das suas actividades e fins propostos, citaremos as entidades delegadas que estruturam os distintos serviços: bibliotecas, comissariado de exposições internacionais, luta contra falsificações e emissões nocivas à filatelia, conservação de colecções e historia postal, juventude, imprensa e informação, filatelia temática, verificação de qualidade por especialistas, exposições, estudos filatélicos e coordenação. Esta sociedade foi reconhecida como «Entidade de Utilidade Pública».



Logótipo da Federación Española de Sociedades Filatélicas

Agrupa na actualidade cerca de 300 Sociedades, organizadas em 12 Federações Regionais.

4. TABACALERA, S.A.

Sociedade Anónima que com a sua vasta rede de estabelecimentos tem em exclusivo a venda e distribuição dos selos em Espanha. A F. N. M. T. entrega toda a produção de selos, inteiros postais, carimbos, etc., à «Tabacalera, S.A.», inclusive o serviço de Correios compra os selos à citada sociedade anónima.



Logótipo da Tabacalera, S.A.

5. FABRICA NACIONAL DE MONEDA Y TIMBRE. - F.N.M.T. DE ESPANHA

Nasce em 1893, quando foi levada a cabo a união da Casa de la Moneda com a Fábrica Nacional del Sello. O novo edifício onde se encontra instalada foi inaugurado pelo Chefe do Estado no dia 11 de Julho de 1964.

É da sua competência a fabricação de selos, Notas de Banco, moedas, medalhas, carimbos fiscais, papel selado, etc., incluindo toda a fase prévia ou preparação de

desenhos e modelos, gravação das chapas e matrizes, reprodução de clichés, etc.

Os trabalhos postais e fiscais produzidos pela F.N.M.T. são entregues à Tabacalera, S.A., para a sua distribuição por toda a Espanha.



Logótipo da Fábrica Nacional de Moneda y Timbre
(F.N.M.T.)

6. IMPRENSA ESPECIALIZADA.

Publicações especializadas à divulgação da filatelia, em especial revistas e boletins. Abundam os periódicos que incluem uma secção filatélica nas sus páginas. Segundo a periodicidade podem ser semanais, quinzenais, mensais, etc. A primeira revista filatélica publicada em Espanha foi " *El indicador de los Sellos* " no ano de 1870. A primeira revista sobre filatelia que surgiu no Movo Mundo foi: " *Stamp Collector's Record* ", no ano de 1846 em Montreal (Canadá), editada pelo falsificador de

selos mais famoso da América, chamado Samuel Allan Taylor.

Actualmente publicam-se em Espanha boas revistas de Filatelia:

- Actualidade Filatélica.
- Crónica Filatélica.
- El Eco Filatélico y Numismático.
- Papeles Filatélicos de la Corneta.
- Revista de Filatelia.

Também se publicam magníficas revistas na Europa:

- Le Monde des Philatelistes (França).
- Cronaca Filatélica (Itália).
- Filatelisten (Alemanha).
- A Filatelia Portuguesa (Portugal).

7. ORGANISMOS INTERNACIONAIS

7.1 U.P.U.

União Postal Universal. Fundada em Berna (Suíça), no ano de 1874, é formada pelas Administrações Postais de todo o mundo. A sua missão é regular e uniformizar as comunicações postais internacionais.

7.2 U.P.A.E.P.

União Postal das Américas, Espanha e Portugal. Organismo criado para regular tudo o que diga respeito a envios por correio entre os países americanos, Espanha e Portugal. As tarifas postais vigentes em Espanha (à excepção das correspondentes a encomendas postais, reduzidos e com películas cinematográficas e reembolso) aplicam-se à correspondência dirigida às Filipinas e países pertencentes à U.P.A.E.P. (salvo Estados Unidos e territórios dependentes).

7.3 F.I.P.

«Fédération Internationale Philatelie»: Federação Internacional de Filatelia. Com sede em Génève (Suíça), esta organização filatélica de carácter internacional foi fundada em Paris em 18 de Junho de 1926. Os fins primordiais da mesma são divulgar e promover o coleccionismo de selos, assinalar abusos nas emissões, relacionar



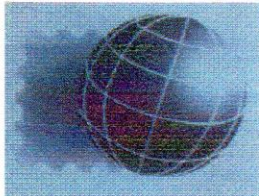
os filatelistas entre si e as autoridades postais do mundo, levar a cabo periodicamente congressos internacionais para resolver assuntos de interesse geral para os colecionadores. Promover exposições, patrociná-las e promulgar regulamentos para o bom andamento dos mesmos.



Logótipo da Federação Internacional de Filatelia

7.4 I.F.S.D.A.

Federação Internacional de Associações de Comerciantes de Selos.



Logótipo da Federação Internacional de Associações de Comerciantes de Selos

7.5 A.S.C.A.T.

Associação Internacional de Editores de Catálogos de Selos.

Catálogos mais conhecidos em Espanha :

NACIONAIS (de Espanha)

Anfil

Edifil

Filabo

R. Lama

Domfil

INTERNACIONAIS

Michel

Ivert/Tellier

Bolaffi

C. Unificato C.I.F.

Sassone

Scott

7.6 A.I.E.P.

Associação Internacional de Peritos Filatélicos.



VII. EXPOSIÇÕES FILATÉLICAS

A sua finalidade é a de mostrar as colecções, que ao longo dos anos tenham sido levadas a efeito pelos coleccionadores.



UM POUCO DE HISTÓRIA

A primeira Exposição de SELOS de que há memória foi realizada em Paris, Palácio da Indústria, situado no Campo de Marte, no ano 1892, graças à boa vontade do Dr. Legrand.

A primeira que se realizou em Espanha teve lugar em Valência em 1909.

No dia 26 de Março de 1960 inaugurou-se no histórico Salão de Sessões da Câmara Municipal de Barcelona o I Congresso Internacional de Filatelia e a Exposição abriu ao público no dia seguinte no Palácio Nº1 de Montjuich. Esta Exposição foi a mais importante das realizadas em todo o mundo. Foram apresentadas qua-

tro mil e seiscentas vitrinas, e entre as colecções expostas figuravam as melhores de Espanha, dos Estados Unidos, a da Rainha Isabel II de Inglaterra, a de Rainier III de Mónaco, Dupont da Bélgica, etc. Como curiosidade, direi que o certame ocupava sessenta mil metros quadrados e que para seguir todas as instalações devia-se percorrer cerca de quinze kilómetros.



• Se se desejar participar em Exposições Filatélicas pode-se solicitar por escrito uma explicação sobre as regras das mesmas, para se documentar e poder participar sem incorrer em falhas.

As Exposições Filatélicas classificam-se em :

1. PELAS SUAS CARACTERÍSTICAS

1.1 COMPETITIVAS

Oferecem-se prémios às melhores colecções.

1.2 NÃO COMPETITIVAS

Participa-se por convite directo, sem nenhuma espécie de prémio.

2. PELO ÂMBITO DA SUA CELEBRAÇÃO

2.1 NACIONAIS

Quando participam Colecções de todo o país.

Existem também Exposições de carácter local, regional ou autonómicas.

2.2 INTERNACIONAIS

Quando participam representantes de vários países por acordos bilaterais ou que podem ter carácter mundial.

VIII. SERVIÇO FILATÉLICO

Tem como missão fundamental a promoção e venda de selos e outros objectos Filatélicos, tanto no mercado nacional como no mercado internacional.

📌 Foi criado por Ordem Ministerial em 6 de Agosto de 1946. Em Espanha corresponde à Secção 2ª da Dirección General de Correos y Telecomunicación, Madrid.

📌 Existem as seguintes modalidades de abono:

📌 O SELO.

📌 MINIFOLHAS

Quando os selos da emissão aparecem integrados, um ou vários valores, numa folha que leva impresso um texto para realçar um feito ou acontecimento, e cujo valor facial está aumentado por um sobre peço. Se o preço das ditas folhas é o valor facial dos selos que ela

contém, considera-se então e somente como uma série de selos.



➤ POSTAIS ILUSTRADOS

(INTEIROS POSTAIS)

Cartolina rectangular emitida pela F.N.M.T. que leva impresso um selo de correios, e se emprega como carta, sem envelope, pondo no anverso o nome e morada, que é onde vai o franqueio impresso, e no verso o texto. Também existem ilustrados com gravações e sem selo impresso, em ambos os casos o envio custa menos do que uma carta fechada .

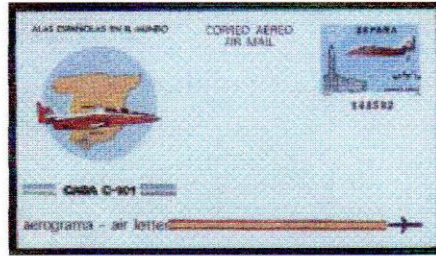


▶ AEROGRAMA

Dá-se este nome à clássica carta-envelope, tudo numa só peça, anterior à invenção do Selo de Correios.

Actualmente consiste num envelope ilustrado, de papel liviano, que pesa normalmente três gramas e leva o selo estampado ou franquígrafo, com nominais ajustados às tarifas aéreas para esta classe de envios postais.

Facilita a correspondência aérea devido à sua fácil utilização o formato, e o seu custo é sensivelmente inferior ao selo e envelope em separado. O anverso estará reservado para a direção, levando obrigatoriamente a inscrição impressa "aerogramas" e o franqueio correspondente.



▼ SOBRESCRITO DE PRIMEIRO DIA DE CIRCULAÇÃO

Sobrescritos com motivo alusivo à emissão, franqueados com a série completa e carimbados com a data de entrada em circulação. É conhecido internacionalmente como F.D.C. (First Day Cover).



➤ CARNETS

Trata-se de uma espécie de estojo ou carteira de cartolina que contém umas tiras de selos, com todos os valores da emissão, para os franqueios ou tarifas postais mais correntes. O “carnet” permite ter à mão os selos em boas condições, evitando que se dobrem ou manchem ao guardá-los dentro da carteira ou do bolso.



➤ PROVAS FILATÉLICAS

Ensaio sobre um mesmo valor, que se realiza para eleger o tom ou matiz definitivo. As provas devem ser destruídas, embora muitas delas se salvem da destruição e o seu estudo tenha um importante interesse filatélico, podendo ser quando entradas no mercado motivo de especulação no comércio do selo, não sendo no entanto válidas para o franqueio.

As provas podem ser consideradas : de Artista, a Preto, a Cor ou de Luxo.



IX. PRODUTOS FILATÉLICOS

Tem a característica de produto filatélico do Organismo Autónomo Correios e Telégrafos todo aquele, cuja base de fabrico se encontre fundamentada no Selo de Correios.



Logótipo do Organismo Autónomo de Correios e Telégrafos

● CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

➤ Incorporar um selo ou reprodução, qualquer que seja o seu tamanho e cor

➤ Figurar o logótipo, nome ou outro elemento identificativo dos Correios e Telégrafos, podendo incorporar outro elemento, sempre e quando seja autorizado por este Organismo.



➤ Estar autorizado pelo Organismo Autónomo Correios e Telégrafos.

● CLASSES DE PRODUCTOS

● SOBRESCRITOS E INTEIROS POSTAIS

Envelopes comemorativos de algum evento, com o selo impresso no anverso. A impressão ou reprodução podem ser sobre papel ou cartolina apresentando formas distintas segundo o destino ou uso postal.

Estes selos perdem todo o valor filatélico se são recortados ou se os separam: precisamente, a sua denominação indica que se deve coleccionar a peça completa, íntegra, inteira.



● DOCUMENTOS FILATÉLICOS

Fabricados com o motivo de um evento filatélico, constam de um documento ilustrado com texto e selo carimbado referido ao dito acontecimento. Por vezes junta-se um envelope carimbado. A este tipo de documento dá-se o nome de **Pagela**

● CATÁLOGOS DE CARIMBOS

Publicação que contém todas as reproduções de carimbos ordenados cronologicamente.

● FOLHAS ANUAIS

(ou PAGELAS ANUAIS)

Nelas se incluem todas as emissões comemorativas aparecidas durante o decorrer do ano, com relação nominal e dados técnicos de cada uma delas.

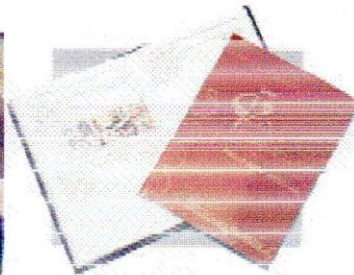
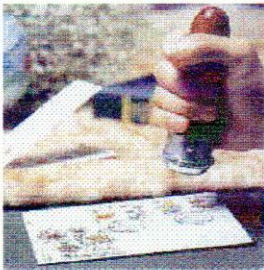
● PINOS FILATÉLICOS

Insígnias filatélicas, que reproduzem selos emitidos com motivo de algum acontecimento.



● PASSAPORTE FILATELICO

A realização de Exposições Mundiais de Filatelia dá como resultado que a maioria das Administrações Postais disponham de carimbos e os seus próprios selos. O PASSAPORTE é um pequeno livro no qual se coleccionam, em cada uma das suas páginas estes selos e carimbos ordenados por países.



X. CARIMBOS



Em Espanha, antes da utilização do selo no ano de 1840 como elemento de franqueio postal, decretou-se que os selos de correio colocados nas cartas deveriam ser invalidados no momento da sua entrega nas administrações de correios para impedir a sua reutilização. Para tal foram empregues uma infinidade de carimbos, nascendo assim um tipo de coleccionismo que se dedica ao estudo destes chamado Marcofilia.

Os selos são emitidos para recuperar uma parte dos gastos que os Correios despendem no transporte da carta, pelo que para evitar que um selo seja utilizado mais de uma vez, se possa inutilizar ou anular mediante o emprego do carimbo.

Também se pode coleccionar as marcas que estampam os selos, os coleccionadores que se dedicam a este tipo, reconhecem-se como especialistas em macrofilia, que se pode dividir em préfilatélia, a que estuda as marcas anteriores à aparição do selo.

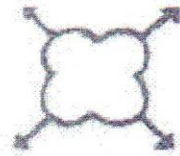


CLASSES DE CARIMBOS

• ARANHA

Foi o primeiro carimbo utilizado em Espanha e foi realizado por don Tomás de Miguel em 22 de Fevereiro de 1850.

Foi chamado assim pela existência dos seus quatro arcos de círculo unidos e quatro flechas ou patas



• PARRILLA

Marca de cancelamento formada por grossas linhas fechadas dentro de uma oval. O carimbo parrilla veio a substituir em Espanha o da aranha, tendo sido decidida a sua utilização a partir do ano de 1852, mas não faltaram impacientes que se adiantaram à disposição oficial e assim foi utilizado indevidamente em selos da segunda emissão espanhola, de 1851.



Foram utilizados todos eles em localidades distintas com modelos e formatos completamente diferentes uns dos outros, sendo os mais conhecidos:

- ▼ Parrilla de Madrid.
- ▼ Parrilla de Aragón.
- ▼ Parrilla de Reus.
- ▼ Parrilla de 1852.



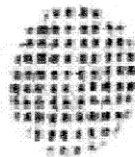
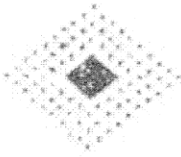
Parrilla com número (1862 - 1871)



Este número (1) correspondia em Portugal à Estação de Lisboa

❶ MUDOS

Denominam-se assim por não terem qualquer tipo de informação gráfica. Só foram utilizados quando, por qualquer circunstância, havia necessidade de invalidar o selo fora da cidade de procedência.



❷ RODA DE CARROÇA

Começaram a utilizar-se em Espanha a partir de 7 de Outubro de 1558. Foram empregues dois modelos e ambos eram de forma redonda, um dos quais era composto por dois círculos concêntricos divididos em quartos. Em cada um figura um número igual e este mesmo número repete-se algo maior no círculo interior. O outro carimbo era mais pequeno e nele figura um número colocado no centro e uma circunferência formada por oito linhas grossas.



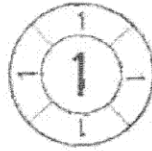
Em ambos os conjuntos o número do carimbo correspondia à Administração. A ordem era a seguinte:

▼ Madrid (1) ▼ Barcelona (2) ▼ Cádiz (3)

▼ Coruña (4) ▼ Granada (5) ▼ Málaga (6)

▼ Sevilla (7) ▼ Valencia (8) ▼ Alicante (9)

E assim até um total de (63), número que correspondia a San Roque (Cádiz).



o DATADOR

O que se utilizava nas Estações de Correios para carimbar a correspondência depositada nelas, no qual figura o nome da povoação de origem, a data e o




número que identifica a administração postal e em certos casos a província.




ESPECIAIS


Empregam-se com um uso determinado com um motivo específico de um serviço diferenciado dos demais ou para comemorar uma efeméride. O primeiro carimbo especial utilizado em Espanha foi na ocasião em que se inaugurou o Primeiro Congresso Filatélico Espanhol em 25 de Setembro de 1908, na cidade de Zaragoza.

Classificam-se em :

 Carimbos de Caminhos-de-ferro, Ambulantes, ascendente e descendente.





 **Carimbos de Caminhos-de-ferro Especiais. Caminho-de-ferro de Barcelona a Mataró, etc.**


 **Carimbos de linhas de transvias urbanas.**


 **Carimbos marítimos e consulares.**


 **Carimbos de estafetas de câmbios.**

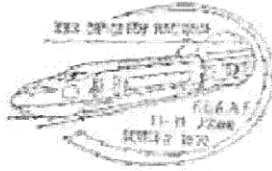
 **Carimbos estrangeiros sobre selos espanhóis.**

 **Carimbos oficiais. Portes Francos entregues a organismos civis da administração do Estado.**

 **Carimbos de Portes Francos militares, de guerra, marca de censura militar.**

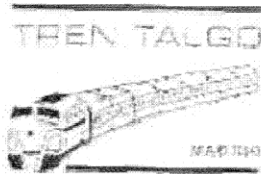
 **Carimbos de Portes Francos concedidos a particulares.**

 **Carimbos comemorativos. O primeiro que se utilizou em Espanha foi para comemorar a Exposição Universal de Barcelona, a 16 de Outubro de 1888.**



Carimbos de primeiro dia de circulação.

Começaram a ser utilizados em Espanha em 20 de Março de 1948 sobre o SELO de 15 cts. do General Franco.

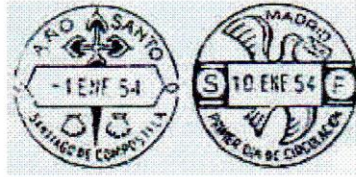


17 MARZO 1995


PRIMER
DIA DE
CIRCULACION



Carimbado à máquina

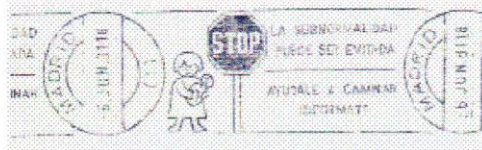


Carimbado manualmente

 Marcas aéreas postais. Estafetas aéreas. Primeiros voos.

CARIMBO-TAMBOR DE PROPAGANDA

Carimbo mecânico de forma cilíndrica, usado actualmente. A Administração dos Correios, quando nalguma cidade o município celebra algum acontecimento, seja tradicional, feira, exposição, etc., muda os textos de tipo informativo que normalmente figuram por qualquer motivo alegórico relacionado com o acontecimento durante os dias que este dure e os seus festejos. Desta forma se converte numa forma de publicidade sobre a celebração que decorre na localidade.



São autorizados pelo mesmo motivo e características dos carimbos especiais comemorativos.

● ESTAFETAS TEMPORAIS

Antigamente o Estafeta era um individuo que em cada uma das estações de correios aguardava que chegasse outro com os despachos, para sair com eles em seguida e indo entregá-los a outro (Estafeta) que o esperava na estação de correios seguinte.

● CARIMBADO FILATÉLICO

Os Selos, uma vez inutilizados, denominam-se : selos carimbados, cancelados ou obliterados.

● SELOS PREOBLITERADOS

São aqueles cuja particularidade é serem carimbados em série antes de serem postos em circulação. Desta forma se simplifica o trabalho dos Correios ao ter que carimbar este tipo de correspondência.

Certos países emitem selos preobliterados com o fim de vender a preços reduzidos as emissões caras ou sim-



plesmente vender mais para efeitos de colecionismo, entrada de divisas, etc.... .



● CORTE DOS SELOS



UTILIDADES DE AUXÍLIO AO COLECCINADOR



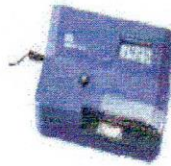
Pinças



Lupa



Classificador



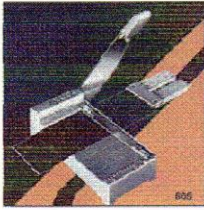
Odontómetro eléctrico



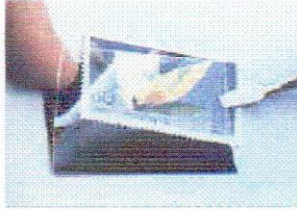
Filigranoscópio



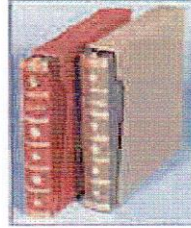
Lâmpada de quartzo



Guilhotina



Bandas AVID



Álbum



Catálogo



Catálogo em versão CD-ROM



SELO OBLITERADO

Selo ao qual se aplicou uma Marca ou sinal postal a fim de o anular ou inutilizar e impedir dessa forma que possa ser empregue novamente para efeitos de franqueio.



PINÇAS

São indispensáveis para se manusear os selos a fim de evitar manchas e estragos do denteado, o que em virtude da sua frágil estrutura é preferível não lhes tocar com os dedos. É aconselhável que as pinças sejam de pontas arredondadas.

As pinças foram chamadas « o sexto dedo do filatelista ».



LUPA

Vidro óptico de aumento que permite distinguir com clareza e apreciar detalhes da impressão do selo. Ideal e imprescindível para comparar exemplares, determinar variedades, colorações e erros, descobrir falsificações, sobrecargas e possíveis defeitos de uma peça filatélica. É aconselhável que a lupa seja de vidro e não de plástico, dado que estas últimas se riscam com muita facilidade e nos obriguem a forçar demasiado a nossa vista.



CLASSIFICADOR

Livro com folhas de cartão ou cartolina, encadernadas ou soltas, que levam umas tiras horizontais de papel



transparente, coladas às folhas pelas pontas e pela base. Nelas se colocam facilmente os selos para os guardar, conservar ou mantê-los separados à espera da sua colocação definitiva em álbum próprio. Este é um elemento muito conveniente. Sem ele existe muita dificuldade em se iniciar e construir uma colecção.

ODONTÓMETRO ELÉCTRICO

Oferecem resultados de medição absolutamente seguros e exactos. De forma óptica-electrónica, em questão de segundos a medição é efectuada sem contacto algum, mediante sensores de luz e não acarreta dano algum para os selos.

É imprescindível para distinguir, entre determinadas emissões de desenho similar e idêntico colorido, umas séries de outras.

FILIGRANOSCÓPIO ELECTRO-OPTICO

O filigranoscópio consiste numa pequena bandeja de material negro intenso (celulóide, vidro) que serve para examinar e tornar visível a filigrana que se encontra em alguns selos. Chama-se também *buscafiligrana*.



O procedimento para se visualizar a filigrana consiste em colocar o selo numa bandeja com o desenho virado para baixo, com a parte engomada à vista e deitar algumas gotas de gasolina purificada (Benzina), que serão absorvidas pelo papel. Imediatamente a negrura do fundo porá a descoberto o desenho da filigrana. Depois de se haver examinado o selo esperamos que se evapore a benzina para o retirar cuidadosamente com a pinça.

Também existe um Filigranoscópio electro-óptico de filigranas para profissionais e coleccionadores avançados que permitem ver o anteriormente exposto sem necessidade de utilizar benzina.



LÂMPADA DE QUARTZO

Um elemento indispensável para o equipamento de um coleccionador avançado. Mito são os aparelhos equipados com lâmpadas que podem ser utilizadas pelo perito: concretamente, a mais usada é a lâmpada de Kromayer, chamada vulgarmente *de Quartzo* porque efectivamente é formada por um tubo de quartzo transparente no qual, depois de criado o vazio, se introduziu uma pequeníssima quantidade de mercúrio, cujo vapor se ilumina à medida que passa uma corrente eléctrica e gera raios ultravioletas, provocando a luminescência e a irradiação.



A lâmpada de quartzo foi aperfeiçoada pelo Professor Wood, de Baltimore (U.S.A.), em 1903, ao incorporar na mesma um filtro de óxido de níquel que só deixa passar os raios ultravioletas, que são os que mais interessam do espectro luminoso para efeitos de investigação e peritagem filatélica.

Existe outro tipo de lâmpada que produz luz ultravioleta, apta como a de Wood para descobrir defeitos, alterações fraudulentas, filigranas pouco visíveis, selos falsos ou reimpressos; distinguir tintas e papéis, examinar sobrecargas, etc.: é a chamada *Lâmpada de Luz negra (blacklight)*, que igualmente necessita de um filtro especial quando se usa para examinar selos. Não é tão potente como a primeira, mas tem as suas vantagens : consome menos electricidade, é portátil, de fácil manejo, menor custo e não precisa pré aquecimento.

GUILHOTINA

São muito necessárias ao coleccionador que quer cortar os protectores dos selos ou “ **fitas AVID** ” com uma determinada medida para a sua posterior colagem nas folhas dos álbuns.

FITAS “ AVID ”

São chamadas também *Protectores para selos* e são de origem alemã e o seu emprego deve ser usado para séries novas, selos de alto valor, assim como para peças clássicas. Foram reconhecidas e espalhadas por todo o mundo com êxito tanto pela simplicidade da colocação dos selos e a sua fácil manipulação, como pelo realce com que se apresentam os mesmos.

São formados por uma dupla lâmina de poli esterol. A primeira lâmina tem a finalidade de dar transparência ao selo; a segunda fabrica-se em transparente e em negro, sendo um pouco mais grossa. Sobre ela leva uma ligeira capa de uma goma especial que, simplesmente humedecida, se adere facilmente à folha do álbum com uma pressão suave. Estas lâminas estão coladas unicamente na sua parte inferior, existindo diversas medidas.

ALBUM

É um livro especial com folhas móveis ou fixas que servem para a ordenação e conservação dos selos.

Existem duas classes especiais de folhas de álbum. As primeiras levam as cercaduras com a reprodução dos selos e frequentemente nelas já se encontram montados os protectores dos selos ou fitas AVID com fundo

transparente, verde-escuro ou preto. Estas folhas podem ser adquiridas na maioria dos comerciantes de filatelia.

As segundas têm folhas em branco para criar uma colecção totalmente personalizada e são as mais adequadas para o desenvolvimento de um determinado tema.

CATÁLOGO

Quando se deseje " identificar um selo " será necessário e imprescindível consultar um catálogo, pelo que há necessidade de ser renovado todos os anos. Com ele aprenderemos a familiarizar-nos na localização e classificação dos selos, documentando-nos sobre as características dos mesmos, tal como a sua data de emissão ou tiragem e outros como o título da série a que pertencem os valores que a constituem e o valor estimado em novo ou usado. Dos catálogos também se poderá concluir quais são os selos que faltam para completar uma colecção.

O Catálogo é uma ajuda indispensável para todos os coleccionadores de selos.

A vulgarização das emissões nos diversos países dá lugar ao aparecimento da filatelia, a arte e a ciência



de coleccionar selos postais e peças relacionadas, registrando-se a primeira publicação no ramo, em 1861, com a edição do " Catalogue de Timbres Poste " - 1861, em Estrasburgo, da autoria de Potiquet.

❶ SISTEMAS DE FRANQUEIO

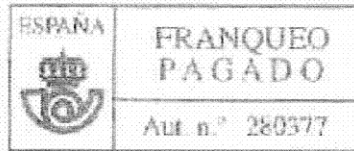
❶ MECÂNICO CONCERTADO

É utilizado geralmente por empresas que se dedicam à distribuição massiva de correspondência (publicidade, ofertas por correio, etc.) e que estabelecem acordos com os Correios.



3 PAGO

Modalidade utilizada por grandes empresas com importante volume de correspondência, que, por um acordo com os Correios (*esse acordo é denominado AVENÇA*), podem fabricar os seus envelopes já impressos com esta indicação, fazendo figurar neles o número de autorização.



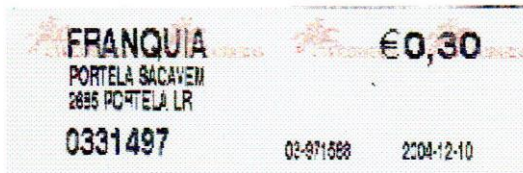
Porte Pago



Porte pago por acordo existente entre as Empresas e os Correios (Avenças)

❶ ETIQUETAS FRANQUEADORAS

Para além do selo, para que uma carta circule, podem utilizar-se outros meios, também postais, como as etiquetas de máquina franqueadora. Devem levar : data da expedição, número da máquina e valor do franqueio.



❷ ETIQUETAS DE MÁQUINAS

São outra variedade de etiquetas utilizadas para franquear uma carta. Procedentes de máquinas automáticas, que podem obter-se com o valor do franqueio desejado.



Etiquetas :

Máquinas AMIEL e SMD

Máquina Klussendorf

❖ CERTIFICADOS

Toda a correspondência certificada deve ser carimbada no anverso no lugar de origem, e no verso no lugar de destino. Acredita-se assim que o envio circulou e não se trata de um carimbo de favor.



Certificado Urgente

❖ CARIMBOS DE AUTORIZAÇÃO POSTAL

Determinado tipo de correspondência está livre de pagar o selo correspondente para o seu envio e goza de " Autorização Postal " mediante a impressão de um selo com o nome do Organismo emissor.



**Autorização postal para o Congresso dos Deputados
(Espanha)**



**Autorização postal para o Tribunal de 1ª Instância e Instrução
(Espanha)**